

Diário de Lisboa

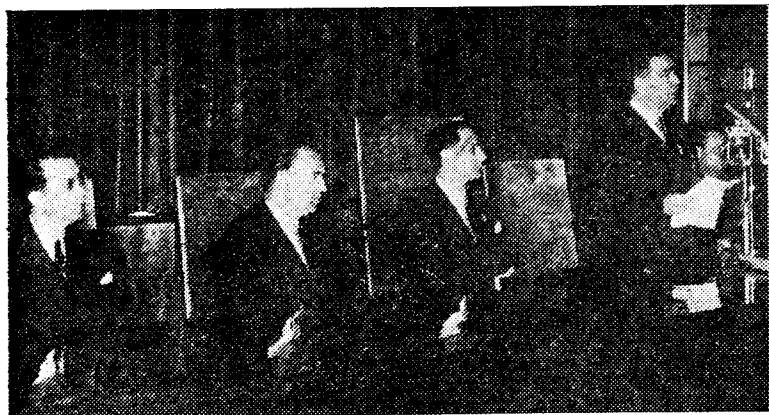
DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBO4

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



A mesa da sessão de abertura do Congresso

O ministro da Educação presidiu à sessão inaugural do Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia em que participam quinhentos médicos

Na Aula Máxima da Faculdade de Medicina de Lisboa, realizou-se hoje, às 10 e 30, a sessão inaugural do segundo Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia, organizado pelas respectivas Sociedades Portuguesa e Espanhola, e em que tomam parte mais de quinhentos cientistas.

Os bem-casados

dão a receita da felicidade

MILTON, (Ontário), 4. — George Hemstreet, que faz, hoje, 103 anos, e sua mulher, de 100, dizem que a melhor receita para um casamento feliz é não discutir antes do pequeno almoço. Os Hemstreets, casados há 75 anos, também aconselham: não casem com alguém que não lhes agrade absolutamente; não exijam muito um ao outro; não se reprecendam, mas tenham força de vontade e digam o que pensam; não sejam egoístas.

Para a longevidade era necessário, também, não fumar, não beber nem guiar um automóvel. — (Reuter).

Presidiu o engenheiro Francisco Leite Pinto, ministro da Educação Nacional, que dava a direita aos professores Gilbert Queraltó, vogal da Sociedade Espanhola, e Jorge da Silva Horta, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e a esquerda ao professor João Porto, presidente do Congresso e da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, e dr. Rocha da Silva, secretário-geral do Congresso.

O primeiro a usar da palavra foi o professor João Porto, que começou por acentuar que a frequência com que se realizam por todo o Mundo congressos de Cardiologia dá bem a medida dos progressos vertiginosos neste domínio da Medicina e parece dar resposta aos que entendem não ter a Cardiologia atingido a necessária maturidade para ser considerada especialidade e se desmembrar da Medicina Interna. Recordou, depois, que

(Continua na página seguinte)

O sultão de Marrocos chegou hoje a Madrid e conferenciou com o general Franco

MADRID, 4. — A capital de Espanha embandeirou para receber a visita do sultão de Marrocos. Ao longo percurso, desde o aeródromo de Barajas até ao palácio da Moncloa, onde o soberano fica instalado, formaram tropas e alinharam a população convidada pelo alcaide a associar-se à festiva recepção.

Os jornais publicam o retrato e a biografia de Ben Yussef e dão-lhe as boas-vindas, acentuando a cordialidade em que vão decorrer as conversações que terá com o generalíssimo Franco, hoje mesmo iniciadas quando da visita do sultão ao palácio do Pardo.

«Será a transmissão pacífica das funções da administração do Califado do Marrocos espanhol para o Governo marroquino, do sultão, independente e unificado, mas com a garantia dos direitos e meios de vida dos

(Continua na 14.ª página)

VISADO PELA CENSURA

Providências para a crise provocada pelas graves inundações do Ribatejo foram hoje pedidas na Assembleia Nacional

Sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, começaram hoje os trabalhos da 6.ª Legislatura da Assembleia Nacional, em período de um mês de prorrogação a partir de 25 de Março.

Para ordem do dia da sessão de hoje foi marcada a apreciação da proposta de lei sobre actividades gimno-desportivas no Ultramar, e do respectivo parecer da Câmara Corporativa.

Além daquele diploma, justificou a referida prorrogação a necessidade de serem discutidas: as propostas de lei sobre turismo e indústria hoteleira; as contas gerais do Estado, da Junta do Crédito Público e das províncias ultramarinas; a proposta de lei que institui algumas corporações e a que estabelece um Plano de Formação Social Corporativa.

Antes da ordem do dia o sr. coronel Ricardo Durão ocupou-se das últimas inundações do Ribatejo, dizendo:

— Acabam de ser bloqueadas pelas águas as várzeas do Ribatejo e bloqueadas em plena produção. Toda a terra é ainda um lameiro; só por idos de Abril se poderá semear; nessa altura nem os trigos ribeiros conseguirão florir. Praticamente, as searas submersas sofreram perda total. A 3.ª cheia do ano foi, de facto, calamitosa. Desta vez o «cavalinho branco» — como lhe chama a gente do Ribatejo — galgando os diques, no seu galopar apocalíptico, derrubando árvores, demolindo arruínas, destruindo sementeiras, rasgou na gleba da lezíria mártir profundos sulcos de miséria e de dor.

Entretanto, a vinha salvou-se; mal ou bem, mas salvou-se, embora reduzida a 50 % da produção, mino- rando um pouco a desdita dos sinistrados. E, com efeito, perante o

problema económico e social do Ribatejo que neste momento se levanta, só a vinha poderia garantir, aos

(Continua na página seguinte)

Foram os próprios Alemães e não os aviadores aliados que durante a guerra atacaram a cidade alemã de Friburg

MUNICH, 4. — O Instituto de História Moderna acaba de confirmar que o bombardeamento de Friburg-en-Brisgau, em Baden, no dia 10 de Maio de 1940, foi bem a obra de aviões da «Luftwaffe» e não, como afirmava, então, a propaganda nazi, a obra de aparelhos aliados. A partir do fim da guerra, várias testemunhas afirmaram que Friburg fora vítima de um erro trágico dos pilotos alemães e o governo de Bade-Wurtemberg encarregou, em 4 de Outubro de 1954, o Instituto de História Moderna de proceder a um inquérito sobre as circunstâncias desse bombardeamento. Segundo declarações de testemunhas e o testemunho de vários documentos, um grupo de bombardeamento da «Luftwaffe», que se encontrava em Landsberg (Bavie-

ra), recebeu ordem de atacar o aeródromo de Dijon. Devido à má visibilidade, os pilotos alemães perderam-se, e, julgando atacar o objectivo designado, largaram 69 bombas sobre Friburg, onde morreram 57 pessoas.

Os documentos agora publicados pelo Instituto de História Moderna revelam que Goering entregou o caso à justiça militar, mas deu ordem, logo a seguir, para que o processo fosse abafado. Informou-se o juiz respectivo que se procedia, já nessa altura, a uma campanha de propaganda acusando a aviação aliada do bombardeamento de um objectivo civil e que «razões de Estado» impediam que Hitler fizesse um desmentido, o qual prejudicaria o prestígio da Alemanha e da «Luftwaffe». — (F. P.).

FUTEBOL INTERNACIONAL DE GRUPOS MILITARES

A Itália deve ter ganho o torneio Portugal perdeu com o Egipto por 0-1

EVORA, 4. — (Pelo telefone directo). — Assistência numerosa, computada em 25 mil espectadores, a maior de todos os tempos dentro dos muros desta cidade, e estuante de alegria, enche o Estádio Estrela para presenciar os jogos de futebol do torneio da N. A. T. O., entre as seleções militares da Turquia contra a Itália e da turma lusitana contra a do Egipto.

Assistem aos encontros o sr. coronel Santos Costa, ministro da Defesa Nacional; muitos oficiais superiores do Exército e entidades

oficiais do distrito. No estádio, flutuam as bandeiras nacionais dos quatro países representados.

O primeiro desafio do programa foi disputado entre a Itália e a Turquia, com o resultado de 7-1 a favor dos transalpinos.

Seguiu-se o encontro entre os grupos de Portugal e do Egipto,

para o qual as equipas alinharam: PORTUGAL — Vital; Moreira e Barbosa; Oliveira, Falé e Vicente; Rocha, Faia, Hernani, Coluna e José Pedro.

EGIPTO — Bakr; Selim e Ka-

(Continua na última página)

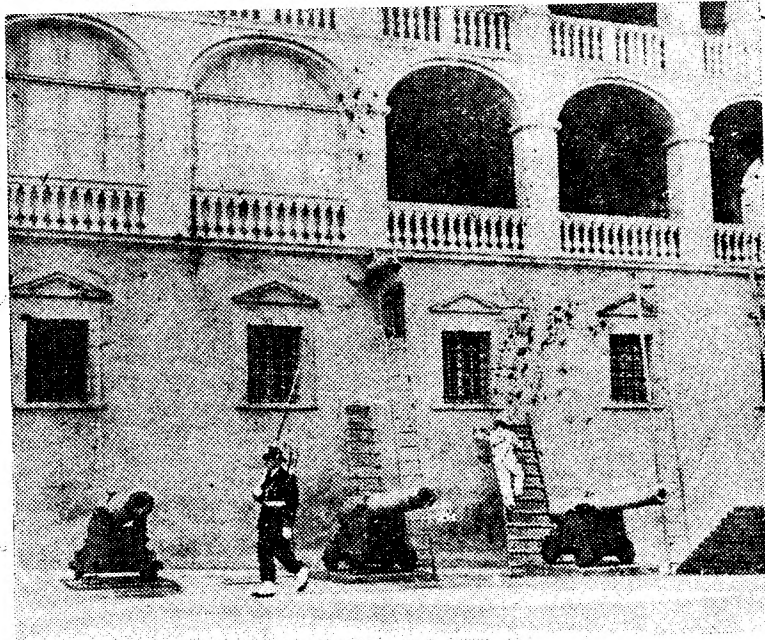
2.ª TIRAGEM

A actriz Grace Kelly parte hoje para a Europa para o seu casamento com o príncipe de Mónaco

NOVA YORK, 4. — A actriz americana, de ascendência irlandesa, Grace Kelly parte, hoje, para a Europa, com o enxoval secreto para o seu casamento. Poucas horas antes da partida do luxuoso paquete americano «Constitution», nada se sabia ainda sobre os belos vestidos que usará nas cerimónias civil e religiosa.

Parte do seu guarda-roupa é constituído por nove vestidos que envergou no filme «Alta sociedade». O estúdio da Metro ofereceu-lhos

(Continua na página central)



Mónaco prepara-se para o casamento principesco de Grace Kelly. No palácio, onde o guarda, imperturbável, continua na sua ronda de sentinela, os trovas afadigam-se a retocar a fachada

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

O Congresso médico luso-espanhol

(Continuação da página anterior)

a medicina de hoje oferece, por extensão, meios de estudo e de trabalho, não apenas a diplomados pelas Faculdades de Medicina, mas também a engenheiros, juristas, funcionários de seguros sociais, etc., lembrando, a propósito, que ainda há poucas semanas se reuniram em Lisboa engenheiros, portugueses e estrangeiros, para discutirem assuntos que intimamente se prendem com a Medicina.

Demorou-se, depois, na exposição do que chamou «aspecto panorâmico, embora perfunctório, sobre as possibilidades actuais da Cardiologia», quanto ao seu arsenal técnico, e disse que o Congresso estudaria dois temas centrais: «Novos métodos de diagnóstico cardiovascular», e «Arteriosclerose», ocupando-se do primeiro nomes como o professor Gilbert Queraltó e os drs. I. Balaguer-Vintró, D. Cardús Pascual, J. Carrasco-Azemar, A. Casellas-Bernat, A. Gregorich-Servat, J. Morató-Portell, J. de Orú-Navarro, J. Paravisini-Parra, J. M. Sabala-Safont, R. C. de Sobregau e M. Tordé-Soler, professores Jacinto de Bettencourt, Aires de Sousa, Jaime Celestino da Costa e Mira-beau Cruz, e drs. Vasconcelos Esteves, Barreto Fragozo, Silva Carvalho; e do segundo, os professores Díaz Rubio e Mário Trincão, e drs. Castro Mendonça, Roda Peres, Alfredo Franco, Antunes de Azevedo e Renato Trincão.

Falando do valor das técnicas, o professor João Porto disse que, apesar de tudo, é preciso que o médico não perca a noção de que elas constituem, por assim dizer, um prolongamento dos sentidos, e são, por isso, tantas vezes, vítimas da insuficiência dos nossos próprios sentidos.

Depois de afirmar que ainda há poucos anos o diagnóstico das afecções congénitas cardíaco-arteriais tinha apenas valor especulativo, e que as coisas se modificaram desde há pouco mais de um decénio, disse que, hoje, a cirurgia já penetrou no domínio das afecções cardíacas adquiridas e nas afecções congénitas cardio-aórticas, casos havendo em que a cura é radical. Citou, a propósito, o relatório do Congresso devido ao professor Gilbert Queraltó e aos seus colaboradores, elaborado na Escola de Angiocardiológica de Barcelona, bem como o valioso trabalho, devido a autores portugueses, sobre o valor dos métodos atinentes à exploração da circulação hepática e esplénica, trabalho que vai ser apreciado na segunda parte do primeiro simpósio do Congresso.

Discutiu, depois, a possibilidade de certas técnicas terem semeado algumas vítimas no seu caminho, perguntando se tais insucessos não são sobejamente compensados por tantas aquisições obtidas nos últimos tempos, nos domínios da fisiopatologia, da clínica e da terapêutica médico-cirúrgica do aparelho cardíaco-vascular.

Referindo-se, em seguida, ao segundo simpósio que diz respeito à Arteriosclerose, e depois de afirmar que o homem paga a arteriosclerose duro tributo, demorou-se na análise dos conhecimentos obtidos nos últimos anos na sua terapêutica. Aludiu, ainda, à sessão de trabalhos dedicados à Cardiologia Social, que se realizará em Coimbra, afirmando que nela se estudarão os problemas que se prendem com a assistência ao cardíaco, ao seu aproveitamento como valor social, que não é legítimo abandonar, afirmando a certa altura:

—Até por egoísmo, a sociedade deve proteger os cardíacos, atendendo a que os dinheiros gastos na ajuda que se lhes prestasse seriam sobejamente compensados pelo rendimento da utilização das suas forças.

Outra passagem do discurso:

—Os problemas versados em Lisboa serão, dominantemente, os de ordem científica, desenvolvendo-se o estudo dos meios pelos quais se dão anos à vida. Os problemas versados em Coimbra serão, dominantemente, de ordem social. Ali se procurará saber a forma de como cada cardíaco, dos dois países peninsulares, pode, até com benefício da vida e da saúde, continuar a ser um valor económico de produção. Ali, então, ver-se-á como se pode dar vida aos anos. Disso se ocupará o presidente da Sociedade Espanhola de Cardiologia, o eminente professor Jiménez Díaz, e quem estas palavras pronuncia. Dar anos à vida e dar vida aos anos, é o que procura fazer a cardiologia de visão totalitária. Cardiologia médico-cirúrgica e cardiologia social não se opõem, mas antes se conjugam. Não são duas medicinas distintas, mas sim duas faces da mesma moeda, complementares uma da outra.

O professor João Porto teve depois palavras de saudade pela memória de «quem foi mestre egrégio da medicina espanhola e presidente do Congresso de Cardiologia de Sevilha, professor André Urra», que fora o encarregado de elaborar o relatório a apresentar neste Congresso, sobre «Clínica geral da arteriosclerose», e que a morte surpreendeu na plena posse das suas faculdades e quando tanto havia a esperar da sua inteligência e da sua vasta cultura.

Prestou ainda homenagem ao professor Jiménez Díaz, presidente da Sociedade Espanhola de Cardiologia, que, disse, não precisava de ser apresentado ao público português, pois é um dos grandes mestres da actualidade, grande amigo do nosso País, e agradeceu a presença de todos os congressistas, estrangeiros e portugueses, citando os nomes dos professores Rijland e Van Bogaert, da Bélgica, Agostoni e Poppi, da Itália, Otto Bayer, da Alemanha Federal, Carloti e Joly, da França, e Riviere, da Suíça.

A terminar, o professor João Porto agradeceu ao chefe do Estado o ter aceitado a presidência de honra do Congresso, e aos ministros da Educação Nacional, do Interior e das Corporações, ao Subsecretário de Estado da Assistência e ao Instituto de Alta Cultura, o valioso auxílio prestado para a realização do Congresso, estendendo o seu agradecimento a muitas outras entidades que contribuíram, com a sua ajuda, ou colaboração, para o êxito da importante reunião.

Por não ter chegado a tempo, não pôde pronunciar, nesta sessão, o seu anunciado discurso o professor Jiménez Díaz, presidente da Sociedade Espanhola de Cardiologia.

O sr. ministro da Educação Nacional levantou-se e disse:

—Uma palavra apenas — e essa palavra é a seguinte: Que regozijo eu tenho por ver Espanhóis no nosso País! Que prazer eu tenho por ver pessoas tão eminentes na Faculdade de Medicina de Lisboa! E' verdadeiramente com o coração nas mãos — com o coração nas mãos! — que eu vos apresento as boas-vindas do Governo português. E, em nome do Governo, declaro aberto o segundo Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia. Muito obrigado!

Duas exposições e um simpósio

Em seguida, foram inauguradas as exposições científica e técnica. As 12 horas, começou, na Aula Máxima, a primeira sessão plenária, a que presidiu o professor Rocha Pereira, ladeado pelos drs. António Azpitarte Rubio e Juan Codina Altes.

O dr. G. Sanchez de la Cuesta, de Sevilha, apresentou um trabalho, intitulado «Evolução do pensamento cardiológico na Península Ibérica».

As 15 e 30, na sala C, principiou um simpósio sobre «Novos métodos de diagnóstico cardíaco-vascular». Presidiu o dr. A. Crespo Alvarez, ladeado pelos drs. I. Balaguer-Vintró e Mendonça Santos, sendo apreciado o relatório do professor Gilbert Queraltó, de Barcelona, e dos seus colaboradores, intitulado «Novos métodos de exploração fisiopatológica para a indicação cirúrgica das cardiopatias congénitas e adquiridas».

Abastecimento do País

O azeite com óleo

A portaria 15.766, que autorizou a mistura de óleo de amendoim no azeite, não proibiu a venda de azeite puro, por parte dos seus detentores e retalhistas, enquanto não esgotarem as quantidades que possuam. Os retalhistas não podem fazer a mistura do óleo no azeite, pelo que não se compreenderia, efectivamente, que fossem proibidos de vender aquele que ainda tenham.

Os recipientes de óleo de amendoim simples devem ter a indicação do produto que contém, bem como o respectivo preço. Em relação à mistura de óleo com azeite, têm de fixar-se letreiros com os respectivos preços e a indicação de que se trata de mistura com azeite extra, meio extra, fino ou corrente.

Abastecimento do País

O azeite com óleo

A portaria 15.766, que autorizou a mistura de óleo de amendoim no azeite, não proibiu a venda de azeite puro, por parte dos seus detentores e retalhistas, enquanto não esgotarem as quantidades que possuam. Os retalhistas não podem fazer a mistura do óleo no azeite, pelo que não se compreenderia, efectivamente, que fossem proibidos de vender aquele que ainda tenham.

Os recipientes de óleo de amendoim simples devem ter a indicação do produto que contém, bem como o respectivo preço. Em relação à mistura de óleo com azeite, têm de fixar-se letreiros com os respectivos preços e a indicação de que se trata de mistura com azeite extra, meio extra, fino ou corrente.



NEO BEPROL
NOVO PRODUTO ANTI-HISTAMINICO ABORTIVO E CURATIVO DA
CONSTIPAÇÃO
1-2 COMPRIMIDOS APÓS OS PRIMEIROS SINTOMAS

Assembleia Nacional

(Continuação da página anterior)

homens que a esperam de braços caídos, o trabalho e o produto. O produto, sim, porque os vinhos do Ribatejo não são piores do que os outros. De facto, os vinhos lisos, abertos da várzea de Alenquer, os vinhos densos e pastosos do Cartaxo, os brancos aveludados e capitosos dos campos de Valada, de Alpiarça e de Almeirim, os tintos carregados e brilhantes das veigas da Chamusca, são produtos que, bem trabalhados, não receiam confronto.

O orador acrescentou:

—E' certo que a abundância tem levado por vezes ao fabrico em série e, portanto, de inferior qualidade; mas a culpa não é da terra. Em toda a parte do Ribatejo se fabricam ou podem fabricar vinhos de pasto de reconhecidas virtudes organolépticas, que Batalha Reis classificava entre os melhores — sobretudo se era ele a prepará-los. Não vejo portanto razões de qualquer espécie para condenar o plantio da vinha em terras submergíveis; nem pela qualidade do produto, nem pelas vantagens económicas e sociais que oferece em cataclismos como este. E' sempre um elemento compensador. Acabamos realmente de verificar que, se aquelas cepas torcidas e torturadas não sobrevivessem, emergindo da lama com os seus pampas virentes, outro teria sido o balanço da catástrofe. Não bastariam os socorros de emergência, das instâncias superiores. Mais e muito mais seria necessário para fazer frente ao «chômage».

Entre vários telegramas publicados na imprensa, o orador salientou o seguinte:

ALPIARÇA, 31 de Março — As águas da cheia estão decrescendo tão lentamente que pouco se nota a descida. Os campos continuam alagados e na sua maioria submersos. Mulheres em grupos e alguns homens pedem auxílio nas casas dos lavradores. E' necessário, sem perda de tempo, acudir à situação. O que se passa na borda d'água reveste-se de aspectos de verdadeira catástrofe.

—Isto é simplesmente um grito de socorro — comentou — uma solicitação premente de providências ao Governo. — Os proprietários da região hão-de prestar, como sempre, o seu concurso, na medida das suas possibilidades. Portanto, que o Estado responda ao apelo e os meus conterrâneos não faltarão. O facto é que, se a vida morresse ou não existisse naquela terra, o Estado suportaria nesta altura um pesado e doloroso encargo. A vinha no Ribatejo é, por todos os motivos, uma imposição das condições naturais. Afigura-se-me, além disto, que basta a simples hipótese de não ser mantida uma liberdade mínima de cultura, para aviltar o preço da terra, a ponto de afectar o rendimento do património nacional. E' precisamente este fenómeno que hoje se verifica no Ribatejo, onde a cotação da terra está a descer numa forma alarmante. Isto deve-se em parte — estou convencido — à ameaça resultante das propostas draconianas formuladas pelos interesses antagonísticos do Ribatejo.

Para evitar equívocos, aquele deputado esclareceu que nem todas as várzeas são terras submergíveis. E' evidente que só a estas últimas se referia; e não lhe parece legítimo procurar resolver com o sacrifício delas a crise vinícola.

—Não há dúvida que a crise ficaria muito atenuada se toda a vinha do Ribatejo naufragasse nesta cheia; mas faço justiça aos lavradores da encosta e aos vinhateiros do Norte para não supor que fosse essa a solução que desejavam. A distribuição de sacrifícios para o bem comum tem de ser integrada num plano de conjunto. Não é razoável que seja um a sacrificar-se por todos ou todos por alguns. Não é lícito a ninguém obter privilégios à custa do sacrifício alheio. A política de verdade, a política de sacrifício, a política nacional não pode deixar de ter — como diz Salazar — este significado: «não deixar sacrificar umas às outras as diferentes classes da Nação, mas sujeitá-las igualmente a todas as restrições impostas pela salvação comum». Estas palavras luminosas foram dirigidas aos municípios do País, em 1929, nos primórdios da Revolução Nacional, e, apesar de volvido mais de um quarto de século, encontram sempre adaptação à actualidade, «sem terem de ser alteradas nem poder ser desmentidas».

Mocidade Portuguesa

Os trabalhos finais da conferência nacional de graduados

No Palácio da Independência, prosseguiram hoje, de manhã, os trabalhos da I Conferência Nacional dos Graduados da Mocidade Portuguesa, com a última sessão plenária nela integrada.

Na sessão, que começou às 9 e 30, participaram cerca de 300 filiados, que desempenham funções de chefia nos quadros da organização e representantes de todas as Províncias. Orientou os trabalhos o comandante de falange Carlos Lima, presidente da Comissão Executiva da Conferência, tendo sido apreciadas as conclusões propostas pelas várias secções.

No ginásio do Liceu Camões realizava-se, às 18 horas, a sessão de encerramento, durante a qual se fará a proclamação dos votos e conclusões aprovadas.

Das 15 às 17 e 30, os graduados das várias divisões, vindas a Lisboa para participar na Conferência, visitaram os locais turísticos dos arredores da capital e, às 20 e 30, tomam parte num jantar de confraternização, que se efectua na cantina do Liceu de Gil Vicente — Centro Escolar n.º 24.

Concursos de locutores

e de peças de teatro radiofónico

No Secretariado Nacional da Informação continuam abertos, até ao fim do mês corrente, os concursos de locutores e de peças de teatro radiofónico. Na 2.ª Secção da Repartição de Informação prestam-se todos os esclarecimentos, dentro das horas regulamentares.

EXPOSIÇÃO TÉCNICA ALEMÃ

Pavilhão "ALUMINIO"

Os Est. Manuel Ferreira, Lda. — Rua Augusto Rosa, 186, PORTO, têm a honra de convidar os Ex. Srs. Arquitectos, Engenheiros, Construtores Cíveis e todos os seus estimados Clientes a visitar o seu pavilhão, na E. T. A., onde — na sua qualidade de representantes da afamada fábrica alemã ALUMINIUM-WALZWERKE SINGEN GmbH — SINGEN, HOHENTWIEL — têm em exposição:

Chapa de alumínio FURAL, para revestimento e cobertura de construções desmontáveis ou de carácter permanente e

Perfis e chapa de alumínio, próprios para serem anodizados.

Neste Pavilhão expõem também perfis da patente GLISSA e caixilharia do grande construtor RICHARD SCHOLZ, assim como ferragens modernas para a construção civil.

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 10 AS 24 HORAS

INDÚSTRIAS METÁLICAS DINE, L. DA

TEM O PRAZER DE COMUNICAR QUE ABRIU ESTABELECIMENTO PARA A VENDA DE REDES (TREMIDA, ELÁSTICA, MAVAR, ETC.) NA RUA DA BOA VISTA, 43, TELEFONE 673051, ONDE AGUARDA A VISITA DOS SEUS ESTIMADOS CLIENTES.



TAP
VOE NA TAP
PARA
MADRID
TANGER
E
CASABLANCA

MADRID: segundas, quartas e sextas
TANGER e CASABLANCA: segundas e quintas

Consulte o seu agente de viagens ou a TAP na R. Braamcamp, 8
Lisboa — Telefone 59101 (20 linhas)

Estão a ser reabilitados nos países comunistas alguns chefes exautorados ou executados nos últimos anos

PARIS. 4.—Parece que as reabilitações alastram nos países de democracia popular. Com efeito, depois da de Laszlo Rajk, pronunciada a semana passada na Hungria, há diversos rumores, vindos de Praga, segundo os quais, três dos principais acusados do processo Slansky, condenados a prisão perpétua, teriam sido libertados, bem como várias outras personalidades presas na mesma altura. Assim, o método das «confissões espontâneas» de todos os grandes processos e julgamentos comunistas, tanto os de Moscovo, de antes da guerra, como os mais recentes das democracias populares, parecem completamente desacreditados, visto os acusados do julgamento Slansky-Clementis, tal como o de Rajk e os seus «cumplices» terem feito confissões públicas durante vários dias. De facto, o julgamento Slansky-Clementis e outros catorze, dos quais onze foram enforcados, ultrapassaram, pelo seu horror, tudo o que se pudera fazer em matéria de «tribunais populares».

Segundo os relatos do julgamento, o filho de um dos acusados, Thomas Frejka, tinha pedido ao tribunal que seu pai, Jindrich Frejka, depois enforcado, fosse condenado à morte, porque o considerava como «o seu pior inimigo». Por seu lado, Lida London, mulher do acusado Arthur London, que figurava entre as três personalidades actualmente libertadas, tinha escrito ao tribunal, em seu nome e no dos seus três filhos, «para pedir, humildemente, o mais rigoroso castigo para o seu marido e pai». A auto-flagelação de um outro acusado, Otto Katz, tomou tais propor-

ções («mereço ser enforcado, o meu lugar é no patíbulo e quanto mais severo for o castigo, mais justo será») que o reporter da Rádio de Praga julgou bom indicar que «tais exageros denotavam a falta de carácter do acusado». Pela personalidade dos acusados, este julgamento foi certamente o mais importante que se deu nas democracias populares.

Dos acusados nesse processo, só três — Arthur London, Vavro Jandu e Evzer Loebel — escaparam à morte, visto o tribunal os ter condenado a prisão perpétua, apesar dos longos discursos dos seus defensores, os quais puseram em relevo que os seus constituintes «reconheciam as faltas de que eram acusados». Crê-se que a libertação destes três «cumplices» de Slansky poderia constituir o prelúdio, senão da revisão total do processo, pelo menos da reabilitação de certos condenados, como a de Vlado Clementis, chefe do Partido Comunista da Eslováquia, que pediu, há tempos, a revisão «deste erro judiciário».

O que se pretende saber, agora, é quem assume a responsabilidade destas condenações. Lembra-se, a propósito, que o falecido presidente Klement Gottwald e o seu genro, o actual ministro da Defesa, foram os grandes animadores da campanha contra Slansky e seus «cumplices», acusados de «traição, sabotagem, titismo, sionismo e nacionalismo burguês». — (F. P.).

Na Bulgária

VIENA. 4.—A Bulgária e a Checoslováquia reabilitaram alguns antigos chefes, executados ou presos, sob a acusação de titoísmo e traição, antes da morte de Estaline.

Informações de fontes, usualmente dignas de confiança em Sofia, dizem que o «Comité» Central do Partido Comunista bulgaro aprovou resoluções reabilitando Traicho Kostov, antigo vice-primeiro-ministro bulgaro, executado por traição em 1949.

As notícias dizem que o partido também condenou o actual primeiro-ministro bulgaro, Vulko Chervenkov, por desvios do princípio de chefia colectiva.

A Rádio de Praga também disse ontem que o «Comité» Central do Partido Comunista checo tinha decidido que todos os funcionários do partido, do mais elevado ao mais baixo e sem excepção, seguem não só o culto da personalidade como também o fomentavam. — (R.).

Um discurso de Salazar publicado na Áustria

VIENA. 4. — Salazar, que conseguiu, em vinte e tantos anos, salvar Portugal da decadência total, abriu agora um caminho ao seu regime para uma infusão de sangue novo. Merecem toda a atenção estes esforços de salvação, levados a cabo por um grande estadista cristão, como o presidente do Conselho português — assim se refere o semanário católico austriaco «Die Furche» ao chefe do Governo de Portugal, publicando, com o maior relevo e ocupando inteiramente duas páginas, o discurso que o prof. Oliveira Salazar proferiu, recentemente, perante os altos dirigentes da União Nacional. — (A. N. I.).

Fogo a bordo do «Moçamedes» num carregamento de enxofre

Esta tarde, cerca das 14 horas, declarou-se incêndio no porão n.º 5, do navio «Moçamedes», atracado ao cais da Fundição, onde se encontravam ainda cerca de mil sacos com enxofre, que estavam a descargá-los. Foi o estivador Henrique Nunes quem notou o facto e que correu a comunicá-lo ao soldado da Guarda Fiscal Joaquim José Rolo. Ambos correram ao telefone a pedir os socorros dos bombeiros, que compareceram oito minutos depois da chamada. Entretanto, o pessoal de bordo corria com o material de incêndios ali existente em direcção ao porão incendiado.

Os Sapadores Bombeiros e os Voluntários de Lisboa, sob a direcção do 2.º comandante sr. major Rogério Cansado, tomavam as disposições que se impunham para extinguir o fogo. Um bombeiro munido de máscara desceu ao porão do barco para localizar o incêndio. Grosos rolos de fumo sufocante começavam a envolver a atmosfera em roda do porão. Trabalharam a princípio bombas de nevoeiro, mas como o fogo persistisse lentamente, foi resolvido inundar o porão com água do mar e depois fechá-lo, única maneira de dominar o incêndio, dada a natureza dos produtos que o provocaram. O incêndio está circunscrito apenas ao porão n.º 5.

No local compareceram os srs. comandante Noronha e Andrade, administrador da Companhia Nacional de Navegação, comandante-chefe dos serviços Manuel Freire, e Manuel Bento e Eduardo Correia, da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

O «Moçamedes» encontra-se atracado ao «Alcobaça», que está no mesmo cais. Desconhecem-se ainda as causas do fogo, mas é de presumir que se trata de incêndio provocado por combustão espontânea.

O FALSO MÉDICO

vai para a tropa...

Aquele rapaz de nome Manuel Rodrigues Machado, a quem se tem chamado o «falso médico», foi apurado para todo o serviço militar na nova inspecção a que ontem foi submetido no quartel de Caçadores 5, pois, como foi largamente noticiado, era refractário. O Manuel Machado ingressará na incorporação do próximo ano.

Entretanto, continua a tratar do seu caso com o respectivo advogado, preparando-se para o momento em que irá ser julgado pelas irregularidades cometidas.

Vertigos e Cinemas

«La Verbena» e «Molinos», no Monumental

O segundo espectáculo da companhia de Luis Sagi-Vela é constituído por duas das mais belas zarzuelas de duas épocas, a de Tomás Breton e a de Pablo Luna, o primeiro dentro do casticismo do Madrid do final do século XIX, e o segundo já buscando cenários estrangeiros pela necessidade de renovar, ambos com característica expressão melódica espanhola. «La Verbena de la Paloma» é para os admiradores da musica espanhola, esta acentuadamente madrilenha, o que para os da ópera é o «Lohengrin», um expoente do máximo, e difícil de esquecer as interpretações que através dos tempos nos têm sido oferecidas.

Sem estabelecer paralelos é justo reconhecer a honestidade da que ontem nos foi dada em Lisboa, discreta, certa na reconstituição do panorama de Madrid de então e da indumentária dos seus tipos, rigorosamente cantada por Fina Gessa na 1.ª sessão e por Elena Marti na 2.ª, e em ambas por Manuel Zayas, respectivamente representada por Ramon Cebrian que nos não fez esquecer o «Don Hilarion» do saudoso Luis da Gama, e cometeu apenas o desrespeito da inovação de

vir cantar para a «passerelle» das revistas.

Luiza de Cordova deu bem a «señal Rita», Maria Fuster apagou a «Tia Antónia» e Juan Pascual foi clássico no castigo taberneiro, mas acentuou as voltas e reviravoltas.

Em «Molino de Vientos» confirmou Josefina Canales seus méritos de actriz e de cantora, e Luis Sagi-Vela os seus de 1.º actor-cantor, sendo apenas de lastimar que não deixasse ouvir também na 2.ª sessão, como aliás foi devidamente anunciado num hábito estabelecido modernamente no teatro-lírico espanhol. No tempo de seu pai, o grande Sagi-Barba, era raro não cantar nas duas sessões a primeira figura de cada companhia; mas, então para cá, acontece irmos vê-la e ficarmos «a dos Velas», como dizem os Espanhóis, neste caso Sagi-Vela, não poderia o simpático Luis Sagi-Vela fazer o esforço que deixou a um segundo que já canta a «Verbena» na 1.ª e na 2.ª sessão, e volta a cantar com o contra-peso dos «Molinos»? E não poderiam ter trazido de Madrid os «sabots» ou tapamancos, substituídos ontem por sapatos negros, de saltos os das mulheres? — R. P.

Atrás do reposteiro

Começaram hoje, no Teatro D. Maria II, os ensaios da peça «Clara Bonita», original do actor Pedro Lemos.

—E' com a peça de Shakespeare «Macbeth» que será inaugurado o Teatro do Grupo Experimental de Teatro, do Porto.

—Vai ser inaugurado brevemente o novo Teatro-Cine da Golegã.

—As artistas brasileiras Dorinha Duval e Nina Brunette vão ingressar novamente no elenco do Teatro Variedades.

—Na próxima semana, devem começar, no Teatro Maria Vitória, os ensaios de uma nova revista.

—E' de 15 dias a temporada que a companhia do Teatro Monumental está a realizar no Teatro Aguiar d'Ouro, do Porto.

—A actriz Laura Alves e o escritor António Pedro seguem, brevemente, para Inglaterra, a tomar parte num estágio de um curso teatral.

—Para afinação de toda a montagem cénica, realiza-se esta noite, no Coliseu, o ultimo ensaio-geral da fantasia «Fonte Luminosa».

—A companhia do Teatro Maria Vitória também festejou o aniversário natalício do seu empresário, Eugénio Salvador, com a oferta de uma «prenda», que foi entregue pela popular actriz Hermínia Silva.

—No Teatro Luís de Camões, de Bragança, realiza no sábado um espectáculo com a representação da

tragédia «Medeia» o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra.

—No princípio da futura época de Inverno, o actor João Villaret participará do desempenho de uma peça no Teatro da Trindade.

Primeiras exhibições

«A conspiração do silêncio», no São Luís e Alvalade

O filme é, sobretudo, o homem — Spencer Tracy — que nele obtém o primeiro prémio de desempenho na competição de Cannes, e que conduz, encarna, amassa toda a acção no corpo vigoroso, na máscara ampla de infinitos registos expressivos; na extraordinária intensidade do olhar, que tanto fala como ouve, e até num dos braços (o outro está leso) através de duas horas, em que luta, sozinho, incessantemente, contra o silêncio hostil, enigmático, sombrio de ameaças, tanto da natureza como dos homens.

A obra que ontem se estreou é como geometricamente construída em volumes.

Nunca a palavra «suspense», que em português deve ser traduzida por expectativa teve mais violento e opressivo valor. Sentimo-la desde início, naquele grande comboio transcontinental que linearmente atravessa uma árida paisagem de rochas e de areias, onde a Natureza infecunda, castigada pelo Sol, oferece os mais fantásticos e dramáticos cenários. A recta que o comboio traça, num «traveling» extraordinário, pode considerar-se simbólica. Foi da mesma maneira que John Sturges, o realizador, traçou a obra, sem uma intercepção, um desvio, qualquer acessório. Dir-se-ia que Sturges é implacável e

(Continua na 5.ª página)



ARMINDA

Tem o prazer de participar às suas Ex.ªs Clientes e a todas as Senhoras o novo método em tratamentos de estética, acompanhados de cultura física. Este método, de origem americana (exclusivo deste Instituto), consta, além de tratamentos combinados, conforme os casos, de: Ginástica especial para o emagrecimento, correcção de formas, defeitos físicos e ainda para pessoas excessivamente magras. Processo unico na Europa, de resultados garantidos.

Instituto de Beleza Arminda

Av. António Augusto de Aguiar, 25 — Telef. 41150-41984

TAGIDE

Telef. 35327-35328

LISBOA

Conjunto

JORGE BRANDÃO

Animado por

JIMMY

Restaurantes e Salões de Dança
Declarados Oficialmente de
«Utilidade Turística»

EM PLENO SUCESSO

As extraordinárias interpretações
do mais puro folclore argentino

Leda e Maria

No mesmo programa

Maria da Conceição

AVISO: As pessoas que jantarem não são
obrigadas a qualquer despesa extra nas
«boites»

(Maiores de 15 anos)

PALM BEACH

Telef. 080851-080852

CASCAIS

Conjuntos

EMIL HEINZ

HELDER MARTINS

Socorro imediato aos Pés Torturados

Os seus sofrimentos, mesmo os mais fortes, desaparecem num banho de pés de Saltratos Rodol (sais sabiamente doseados e maravilhosamente eficazes). Nesta água leitosa e oxigenada, a dor desaparece, as guinadas dos calos acalmam-se. Os seus pés ficam «desfatigados», rejuvenescidos. Conforto no calçar. Experimente Saltratos Rodol. A venda nas farmácias, drograrias, perfumarias e em todas as boas casas. Preços módicos.

O subsecretário do Comércio e Indústria visitou a fábrica de cimentos de Pataias

PATAIAS. 4. (Pelo telefone). — O subsecretário de Estado do Comércio e Indústria visitou esta manhã a fábrica da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos, instalada nesta localidade.

Aquele membro do Governo era aguardado pelos srs. dr. Luis Leite Pinto, Joaquim Matias, Luis Remuz, dr. Augusto Teixeira, comandante J. Pereira Braga, Emidio Pinto e dr. Joaquim Cardim, respectivamente presidente e administradores daquela companhia, bem como pelo director, sr. engenheiro Raimundo Quintanilha Pinto.

O sr. engenheiro Magalhães Ramalho visitou demoradamente as instalações produtoras do Cimento Cibra, fazendo várias perguntas sobre os diversos aspectos técnicos e económicos do fabrico do cimento branco, mostrando-se, no final, particularmente satisfeito com tudo quanto vira e felicitando a administração pelo seu trabalho.

O sr. dr. Luis Leite Pinto agradeceu, em nome do conselho de administração, a visita do subsecretário.

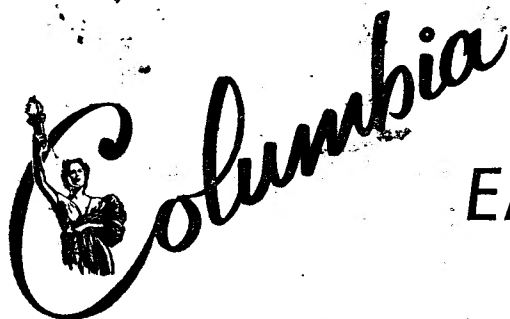
Um novo pavilhão na Exposição Tecnica Alemã

Na Exposição Técnica Alemã é inaugurado hoje, á noite, um novo pavilhão destinado a despertar grande interesse entre os visitantes. Trata-se de uma pequena casa desmontável, com cobertura e revestimento de alumínio, apresentado em rolos, que marca um novo processo neste género de construções, especialmente recomendável para pavilhões provisórios, fábricas, armazéns, casas de férias, etc., pois pode ser montado em algumas horas.

O projecto e adaptações técnicas, inteiramente de concepção portuguesa, são da autoria do jovem arquitecto norte-nordestino Eduardo Lacerda Machado, que teve na decoração e montagem a colaboração do arquitecto José Borrego.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 20,5; mínima, 14. No mesmo dia do ano passado: máxima, 24,6; mínima, 11,4.



inicia a sua campanha «ABRIL É O MÊS DA COLUMBIA EM PORTUGAL» apresentando **HOJE**

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA
O PRIMEIRO DE UMA SÉRIE DE ÊXITOS!

WILLIAM HOLDEN

Argumento de DANIEL TARADASH
Da peça «PICNIC» de WILLIAM INGE
Levada à cena por
THEATRE GUILD, INC. e JOSHUA LOGAN

piquenique

(PICNIC)

KIM NOVAK

CINEMASCOPE

ROSALIND RUSSELL

TECHNICOLOR

BETTY FIELD • SUSAN STRASBERG • CLIFT ROBERTSON

DEPOIS DO GRANDE ÊXITO NO RADIO CITY MUSIC-HALL, DE NOVA-IORQUE

HOJE NO

Realização de JOSHUA LOGAN
Produção de FRED KOHLMAR

IMPERIO

ADULTOS

É ESTE O FILME QUE A CRÍTICA INGLESA CONSIDEROU O NOVO CLASSICO DO CINEMA.

TEM FILHOS?

ENTÃO NÃO DEIXE DE VER ESTA PRODUÇÃO QUE É O GRANDE ROMANCE DE AMOR DA MOÇIDADE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.



ELE NADA TINHA PARA LHE DAR...
...TINHA TUDO...
...O SEU GRANDE AMOR!

ELA NÃO O AMAVA POR ESTA OU AQUELA RAZÃO...
...AMAVA-O PORQUE

O AMAVA!



TERESA GOMES

MARIA VITORIA

2 SESSÕES às 20.30 e 22.45
PARA ADULTOS

Empresas: «Eugénio Salvador-Rui Martins» e «Giuseppe Bastos»

GRANDE ÊXITO DO CONJUNTO TÍPICO DE BENAVENTE

ULTIMOS DIAS DE UM ÊXITO!

com HERMINIA SILVA, ALVARO PEREIRA, TERESA GOMES, BARROSO LOPES, CARMEN FLORES e o grande actor cómico brasileiro SPINA

ELE AÍ ESTÁ!

18 LINDAS CANÇÕES! UM GRANDIOSO GRUPO DE «GIRLS»



SPINA

COLISEU
É AMANHÃ
QUE
SALVADOR
APRESENTA O MAIOR ESPECTÁCULO DE TODOS OS TEMPOS
A SUPER-FANTASIA DE GRANDE MONTAGEM
FONTE LUMINOSA

2 SESSÕES AS 20.30 e 22.45

PARA ADULTOS

As marcações só são respeitadas, impreterivelmente, até às 18 horas de hoje

Empresas: Empresas: Eugénio Salvador-Rui Martins» e «Giuseppe Bastos»

DANCING DE LUXO

MAXIME
PARA 18 ANOS

A sala tem aquecimento

AMANHÃ: SENSACIONAL NOITE DE ESTREIA

A voz de oiro do disco e da canção:

ANA MARIA GONZALEZ

A super-atração de maior fama no mundo do music-hall

ATENÇÃO Oiga amanhã às 20.30 a MEIA HORA DO MAXIME, em «Voz de Lisboa»

RITZ CLUB

R. da Glória, 57—Tel. 25140 (Adultos)

O DANCING DOS ESPANTOSOS ÊXITOS E DAS MIL MARAVILHAS EUROPEIAS

COM UM PROGRAMA DE ESTREIAS ULTRA-SENSACIONAIS DE QUE FAZ PARTE A FAMOSA

ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ
E AS MAIS ALICIANTE CANCIONISTAS E BAILARINAS DO MOMENTO

CEIAS ATÉ ALTA MADRUGADA NO SALÃO RUSTICO ANIMADAS POR UMA ORQUESTRA TÍPICA

Festivos e Cinemas

(Continuação da 3.ª página)

que atingiu o grau mais desesperado e violento da ferocidade humana. Deu-nos um entrecabo poderoso, denso, forte, que joga com os nervos, em sucessivos choques eletrizantes. Ser-lhe-ia fácil criar uma espécie de contraponto à intriga, mas isso seria diminuir-lhe a força e banalizá-lo. Preferiu, resolutamente, assim. De certo modo, deu-nos, um modelo no género narrativo, eficiente de realismo, com meia dúzia de caracteres bem desenhados, melhor será dizer, talhados a gume de punhal, porque todos, afinal, ferem a sensibilidade.

A história é um exemplo de simplicidade clássica do cinema. Um objectivo a atingir, através de um único caminho: a vontade, a determinação, a coragem de um mutilado que regressa das trincheiras de Itália, disposto a descobrir um crime. Nem uma arma, e ei-lo isolado, abandonado no meio de uma pequena vila, perdida na beirra da via férrea. Nunca ali parou um comboio. Mas daquela vez, sim! E porquê?

Outro elemento de valor da «Conspiração de Silêncio» que, pela aspereza contundente da narrativa faz lembrar certas páginas de Steinbeck, que atingem o super-humano na fixação dos caracteres, pondo-os sangrentamente a nu, nos mais baixos e bárbaros instintos — é ter fundido a acção e o tipo das personagens com o meio ambiente. Na verdade, a desolação da Natureza, montanhas desertas, campos condenados à esterilidade, o exaspero delirante da luz solar, tudo isso intencionalmente corresponde às almas dos homens que ali vivem, e que só conhecem como direito — a própria força esmagadora. E' contra eles que Spencer Tracy combate, presa fácil porque é um mutilado e porque não há uma voz, um vestígio que o ajudem a decifrar o problema que o levou àquele anónimo lugarejo. Tudo parece de pedra, tudo emudeceu, rígido e hostil!

Mas o nível de violência sobe, como que nos sufoca, e as explosões da luta dão-se inesperadas, cruéis e sangrentas. Os homens convertem-se em lobos, numa sanha feroz. Em vez de dentes, colmillos, de dedos, garras, uma autêntica tempestade de violência. O filme patenteia-nos o «documento humano», ao natural, sem envernizamentos de civilização, para além do bem e do mal, apenas, como identidade física — e daí a sua verdade gritante e até chocante. Todos os artistas nitidos nos seus instintos primários. São muitos, mas Spencer Tracy dá-thes magnificamente a réplica.

Muito bons complementos, entre outros um jornal de actualidades.

uma evocação de Nostradamus, que profetizou a paz para a nossa era (assim seja!) e um original desenho de bonecos animados: «O patinho que quer voar», autêntica fábula para a ambiciosa humanidade de hoje. — *Visor 42*

«French Cancan», no Monumental

«French Cancan», não se parecendo com qualquer outro filme, recorda, por associação de ideias, «Moulin Rouge», evocando o mesmo famoso local e época, um pintor protagonista de um, e o filho de outro pintor, realizando este, e em ambos predominando, naturalmente, a cor, a própria, a daquela bela idade da pintura. Jean Renoir realizou com admirável espírito, observação original e um realismo que não exclui delicadezas românticas, num descritivo que corresponde à ideia que do Paris daquele tempo têm os que por lá passaram mesmo depois, e esclarecedor para os que adivinham o imaginário.

Jean Gabin representa com humanidade a figura do empresário que, através de alegrias e tristezas, e de alguma imoralidade de meios, resuscita o Cancan de nome ao gosto da «entente cordiale», e Françoise Arnoul é adorável na simplicidade de processos, usando de outros a bela Maria Felix que substitui a pátida expressão fisionómica por expressivos movimentos coreográficos, logo no início do filme.

Uma ovação coroou a estreia em Portugal de «French Cancan», um filme de boa pintura que é antecedido por um complemento de documentário um aspecto da chamada modernista, com traços absurdos que o cinema faculta, mas que permitem perguntar: Há sinceridade nisso? — *Visor 60*.

As estreias de hoje

No Tivoli

Título—«Ricardo III».

Produção—Inglesa.

Realização—Sir Laurence Olivier.

Argumento—Baseado no drama homónimo de Shakespeare.

Intérpretes—Sir Laurence Olivier, Ralph Richardson, Cedric Hardwicke, John Gielgud e, ainda, Claire Bloom.

Processo—Vistavisão e technicolor.

Classificação—Adultos.

Ante-estreia de gala, sob o patrocínio da embaixada britânica. No mesmo programa será apresentado o documentário da Exposição de Arte Portuguesa em Londres.

No Império

Título—«Piquenique».

Produção—Americana.

Realizador—Joshua Logan.

Argumento—O amor da juventude do século XX.

Intérpretes—William Holden, Kim Novak e Rosalind Russell.

Processo—Cinemascope e technicolor.

Classificação—Para adultos.

Columbia
APRESENTA
FINALMENTE!
O SEU SEGUNDO
RIGOROSO
EXCLUSIVO
DE ÉPOCA

SOPHIA LOREN

Intensamente Dramática!

A Rapariga do Rio Pó

(LA DONNA DEL FIUME)

COM
GERARD OURY
LISE BOURDIN
RIK BATTAGLIA
NARLO SODATI

PRODUÇÃO
PÁNCIO LAURENTES
LES FILMS DU CENTAURE

TECHNICOLOR
(ADULTOS)

SEXTA-FEIRA

NO

EDEN

LUSO

Hoje (até de madrugada) Fados e Canções por: CARLOS RAMOS, cedido gentilmente pela «Tipoi», FRUTUOSO FRANÇA, Natividade Pereira, Alcídia Rodrigues, Constança Nunes e Manuel Dias. Acompanhamentos por António Couto e Pedro Leal. (Adultos).

Restaurante TABUAS
RUA BARROS-QUEIRÓS, 51
Especialidade da casa Frangos no Espeto a 25\$00.

DOÇARIA CASEIRA

no Bar Ribatejo, P. Areeiro, 11-D até às 3 1/2 da manhã

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS — «RICARDO III» — TIVOLI
DE HOJE: — «PIQUENIQUE» — IMPÉRIO

SÃO LUIZ
TEL. 27172
(13 anos)
com Spencer Tracy, Ann Francis e Robert Ryan
A's 15.15-18.15 e 21.30
A obra-prima de John Sturges
Em Cinemascope
A Conspiração do Silêncio

EDEN
TEL. 20768
PARA 13 ANOS
Cinemascope — Technicolor
15.30-18.30 e 21.30
2.ª semana
do filme falado em português
RESTOS DUM CONTINENTE PERDIDO

IMPÉRIO
TEL. 55134/5
(Cinemascope — Technicolor)
com William Holden e Kim Novak
A's 18.15: O belo filme **DESPERTAR** (6 anos)
A's 15.15 e 21.30:
O célebre filme de Jean Renoir
FRENCH-CAN-CAN

MONUMENTAL
TEL. 55131
com Françoise Arnoul, Jean Gabin e Maria Felix
A's 18.15 (6 anos)
O filme em technicolor
NO MAR DAS CARAIBAS

ALVALADE
TEL. 763080
Hoje, às 21.30 (13 anos)
A obra-prima de John Sturges
A Conspiração do Silêncio

ROYAL
T. 845037
Em ferraniascolor, com Franca Marzi
Em compl.: O famoso doc. colorido **MAGIA VERDE**

LIZ
TEL. 48560
Em Cinemascope
A's 21 (13 anos)
O homem tranquilo
Paguei os meus pecados

CINEMA IDEAL
TERRAS
TEL. 20917
A's 21 (Adultos)
M A M B O NASCI PARA BAILAR

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (Adultos) com José Ferrer
A FILHA DE CAIM

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
A's 21.30 (13 anos) a obra-prima de G. Bernard Shaw, tradução de Gonçalo Gomes
SANTA JOANA, com Mariana Rey Monteiro na protagonista
Domingo, às 16 horas, Tarde Cultural, com a farsa de Molière **AS VELHACARIAS DE SCAPIN**

ABC Telef. 366783
Emp. José Miguel de Espectáculos, Ld.
APRESENTA EM PLENO EXITO
às 20 e 30 e às 22 e 45
MUITAS... E BOAS!
A REVISTA DA MOCIDA DA ALEGRIA E DAS MULHERES BONITAS!!!
(Espectáculo para adultos)

TIVOLI
TEL. 50595
As 2.30 e 6 da tarde (a p. red.) e 9.15 da noite (Para Adultos)
RICARDO III
com Laurence Olivier, Cedric Hardwicke, Ralph Richardson, John Gielgud e Claire Bloom

POITEAMA
TEL. 26305
(13 anos)
com Humphrey Bogart e Gene Tierney
em Cinemascope e colorido De Luxe

CONDES
TEL. 22523
Em maravilhoso colorido Eastmancolor, com Myriam Bru, Milly Vitale e Nadia Gray — (13 anos)

SÃO JORGE
BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
com Dirk Bogarde e Brigitte Bardot
UMA GAROTA A BORDO

ODEON
T. 26283
em ferraniascolor, com Franca Marzi (Para-13 anos)
15.15-18.15 e 21.30
O colossal êxito de gargalhada
TÓTÓ NO MANICÓMIO

CAPITOL
TEL. 77493
(13 anos)
montando a cavalo
LADY GODIVA

PALÁCIO
T. 47163
(13 anos)
Maureen O'Hara, George Nader
LADY GODIVA

RESTELO
Tel. 610375
(13 anos)
com Victor Mature e Gui Madison
As 21.15 horas
Uma empolgante produção em Cinemascope
Os bravos não voltam costas

TRINDADE
Empresa «Azinhal Abelho» subsidiada pelo Fundo do Teatro (para maiores de 18 anos)
HOJE, às 21 e 45 horas
«lá aqui estive»
de J. B. PRISTLEY
O DRAMATURGO MAIS ARROJADO DA ACTUALIDADE
Preços de 3500 a 30\$00
Telef. 20000

CASINO ESTORIL
AMANHÃ
no «WONDER-BAR»
ULTIMA APRESENTAÇÃO de **AMÁLIA**
que parte no dia 8 para Paris
Marcam-se bilhetes para o «WONDER-BAR»
Telefone 060730 — (Adultos)
O Restaurante está tomado pelo CONGRESSO LUSO-ESPANHOL DE CARDIOLOGIA



Ao Ultimo Figurino

INAUGURA
Dia 5 a Estação
de Verão de 1956
com passagem
de modelos

ENTRADA POR CONVITES

20 — RUA GARRETT — 26

OS GRANDES ROMANCES

A Terra Fria
de Ferreira de Castro

foi traduzida em alemão

A obra de Ferreira de Castro universalizou-se. Incessantemente, os livros do notável romancista são traduzidos em todas as línguas. Há países, onde já se publicaram duas e três versões da mesma obra. Coube agora a vez a ser traduzido na Alemanha, o romance «A Terra Fria», de típicos costumes portugueses, cuja acção decorre em terras do Barroso, e que tão vivamente tem impressionado pela sua realidade e humanidade os leitores portugueses.

Terra Fria foi vertida para alemão com o título *Karge Erde*, pelo dr. Elfriede Kant, num primoroso volume de carácter artístico. Felicitamos o autor de «A Selva» por mais este legítimo triunfo, que tanto nobilita a nossa literatura, aumentando a sua projecção internacional.

OS NOSSOS CONTOS

Poema do «monte» agoirado

por URBANO TAVARES RODRIGUES

«Apaixonado—dizem na minha terra de alguém que tem profunda pena.

Meu amor, por que te deixei sózinha?... Volto tão triste do hospital, à hora de vésperas, quando o vento carrega as lembranças do tempo antigo. O vento do Mediterrâneo... e não aquele que rasa a charneira, perseguindo na última luz das distâncias a rota esquecida dos churriões.

Olha, um som familiar. Dir-se-ia que alguém coze pão num forno. Não, não pode ser: aqui é o padeiro que vem de bicicleta trazer as carcaças à porta das vivendas.

Ouvíamos crepitar a lenha de azinho. A tarde baixava, sorridente. Era bem um som alentejano!... Acolhi-me os abíbios aos piornais, lá junto do Ardila, onde estão guardados os nossos segredos... Que fantasma saiu da margem esquerda para correr o Mundo, se eu volto toda a noite aos caminhos meus, onde o luar desenha a sombra fantástica dos chaparros?!

São meus os gestos maquinalmente de agora: acendo o cigarro, dou corda ao relógio, penduro a gabardine detrás da porta; e tenho os pés frios em terra estranha; mas sou um corpo vazio; os meus olhos seguem a miragem das águas do Guadiana. Ouço os campanilhos dos rebanhos, ao recolher. Já são horas de vestir a minha samarra: a platura chama por mim; vai cair

Um prémio de coragem
feminina
em França

A Associação dos Escritores e Romancistas Franceses, a que preside Magali, resolveu fundar o «prémio de coragem feminina», em homenagem à grande aviadora Maryse Bastie, que morreu em serviço profissional. O prémio terá mesmo o seu nome. O júri, presidido por Jacqueline Auriol, é composto por Mmes George Day, Pierre-Jean Launay, Simone Saint Clair, e de Maurice Guierre, Michel de Saint Pierre, Roger Vercel e Paul Viular.



O visconde de Chateaubriand e Juliette Recamier, a sua mais bela e constante apaixonada, apesar das infelicidades do grande poeta romântico francês

geada entre os cabeços, nas ondas do matagal cheiroso...

Meu amor, que solidão!... Lembra-te da nossa hora?... Escorriam pelo rio em fogo as canções mouscas. Colheste um lírio.

Ai terras do Guadiana
Descampadas a sonhar...
Ai a manada vermelha
Mais o pastor a cantar...

Eu queria apanhar um grilo para conhecer as vozes da terra à hora do sol esfriar...

Cavalos fugiam pelos montados e esse som de cavalgada era sempre o longe, como os cerros azulando—impossíveis aventuras na placidez infinita da tarde. Os abegões, de abalada para a vila, vinham saber da lenha. Andava o Zé Queimado à busca de um tesouro no monte de S. Bernardo.

Imagina, o meu «poêle» nem funciona. Uma das malas, deixei-a a um canto do quarto; pus a outra em cima do guarda-vestidos. Mesquinha desordem: são espectros do meu cansaço estas malas gastas, um dia doiradas pelo sol de Veneza, onde sonhei entrar a cavalo na laguna.

Vai, meu amor, ver se os choupos crescem, se voltaram as cegonhas... Diz à Atalaia que tornarei, que hei-de voltar ao Alentejo.

Sinto-me grotesco nesta farda de empréstimo.

Lembra-te da canção que ouvimos ao pé do «monte» agoirado?... Também eu estou só, como o pastor marreco trovando à boca da noite, e já não vejo na largada do sol a miragem das quatro partidas... Olha, Vês o sol poente? Vês as folhas mangentas que caem no rio?... Ai o pastor da vaca da vermelha, a pontos de matar o pai, ali, diante de mim, como eu vi, com estes dois olhos!... Tudo porque uma moça lhe quis bem... Já terá saído da cadeia?

Um dia entrei a cavalo na vila—manhã de cristal—e a igreja de S. João Baptista era uma chama claríssima na hora pintada de azul. O marreco assomava-se às grades da cadeia, rosto miudinho, tanado. Nem sombra de tristeza: os mesmos traços antigos, finos, sem expressão. Dantes não era mais feliz, quando o batiam de enfiada porque nascera com uma boja nas costas.

—Amigo—disso-me de uma vez—nem vocemecê cuida o que eu tenho penado!...

Até que enregou de crescer no tarde, como seara atrasada. Parece que enfiou-se desde que pousaram nele olhos de mulher. E fazia-se de navalha aberta—mesmo uma cegueira!—para quem lhe bulisse na fama da moça. Que vinha dos «quarteis»! Embora! Não era como as outras... Não poder levá-la a casar, entre chuvas de flores



e grãos de trigo e folhas de oliveira!

Mas deitara-se com ele, com um pobre de misérias, ensinara-o, no meio das estevas e dos cardos. Coisa de maravilha! O pastor via tudo em grande, tudo em bom... A noite íntima dos barrancos, sob a lampada fosca da lua cheia, e aquela flor carnosa, tentando-o... Braços de seda em volta do seu corpo aleijado... Lágrimas que ele chorou de brande contentamento... Enregou de crescer, pois bem não. Ia longe o tempo em que era o escarro do «monte». Mas lá dizia o ditado: «Casa de pombos, casa de tombos». Pelo menos o Zé Queimado deita

(Continua na 11.ª página)



«O bar des Folies Bergères», de Manet

O PRETO NO BRANCO

Poesia e Hipismo

de RAMADA CURTO

Eu não sou, de modo algum, um inimigo da Poesia contemporânea. Há mesmo nessa Poesia inovações que me agradam. Assim, acho que a Poesia antiga tem imagens gastas que a força de repetidas perdem a faculdade de sugerir qualquer coisa. Está nesse caso a imagem do cavalo e do cavaleiro — uma que me ocorre agora. Os poemas estão cheios de cavaleiros e de cavalos. Há composições poéticas onde essa imagem não envelhece. Citando ao acaso: «na tua mão sombrio cavaleiro», ou «esse negro corcel cujas passadas», estão nesse caso. Mas no resto há cavalos de mais na Poesia portuguesa e abundam os cavaleiros. Bastará recordar os poemas de inspiração medieval. Nesses há tantos cavalos e cavaleiros que a sua leitura dá-me a sugestão de um esquadrão de cavalaria, o que será heroico, mas não é poético. Ora isso hoje já não se tolera. Os esquadrões de cavalaria substituíram os cavalos de carne por Horse-Power's cavalos-vapor, porque estão todos motorizados. Dantes os cavalos montavam-se e hoje comem-se. Só isto serve a marcar a diferença considerável entre o que foi e o que é. Montar um cavalo é belo. Comê-lo, pode

ser apenas nutritivo. A própria glória guerreira que dantes estava ligada aos corceis de batalha, hoje está ligada aos tanques e carros de assalto. E ninguém se lembra de mandar esculpir na frente dos tanques uma caveira sobre dois femures cruzados, com a divisa heroica: ou Morte ou Glória! Todavia eu reconheço que o poeta tem de montar qualquer coisa. Se as cargas de cavalaria acabaram nas batalhas, não acabaram na Poesia — simbolicamente é claro. A imaginação não anda a passo, nem trota — galopa. Há galopadas no Ideal, há cavalgadas nas nuvens. Quando a Musa grita aos ouvidos do Poeta — a carga! — o Poeta não pode ir a pé. O Pegaso é um cavalo é certo — mas simbólico. Mas como cavalos com asas só há nas Mús e Uma Noites e na Mitologia, o Poeta contemporâneo sente-se embaraçado para escolher o meio de locomoção apropriado à sua Musa e que o consumidor de poemas, como eu, seja capaz de sentir. Logicamente não podia escolher a mula nem o burro. O burro é filosófico — mas não é poético. A mula é um animal de tiro pesado, e, de resto, a Poesia não liga com a artilharia. A Poesia pode ser o murmúrio, o cicio, o brado, mas não é o estrondo. Eu compreendo as dificuldades em que a técnica contemporânea colocou a poesia lírica. E compreendo, também, que o Poeta de hoje não se resigna a andar a pé. O peão ocupa mas não conquista, não corre, não voa, não desloca na sua passagem o ar. Na marcha pesada das legiões romanas há força mas não há vertigem. E o Poeta precisa da vertigem.

Por todas estas considerações, fiquei encantado com uma composição poética que li num livro em que o Poeta escolheu como meio de locomoção, não um cavalo — mas uma égua. Assim, sim. E' acertada a escolha. Procurei aplicar a receita a um verso antigo dos dois que citei no início destas linhas. Ficava assim: «essa negra égua cujas passadas». Vou transcrever a quadra toda de um soneto célebre substituindo o cavalo pela égua, para se ver como fica. E' assim:

—Esse negro corcel cujas passadas
Escuto em sonhos quando a sombra desce
E passando a galope me aparece
De noite, nas fantásticas estradas

Substitua o leitor também. Fica assim:

Essa negra égua cujas passadas...
Não dá. A égua, em regra, não tem «crinas agitadas», onde estremeca «não sei que horror». Em regra as éguas são tosquiadas «à inglesa». São as «jaquinhãs» as «lacas tóreas». A égua é fêmea e, por isso tem qualquer coisa de feminino como é natural. Um cavalo pode ver-se de qualquer maneira que se percebe logo que é um cavalo. A égua não. Só se percebe vendo-a de certa maneira. Mas é certo que a égua é mais — como dizer? — é mais aerodinâmica. Em regra mais estreitinha corta o vento melhor. Dai a escolha do poeta ter-se fixado na égua, acertadamente, quanto a mim. E' claro que um poeta oriental podia lançar mão de ou-

(Continua na página seguinte)

LIVROS e AUTORES

COMENTÁRIOS DE ARTUR PORTELA

UM ESTUDO DE MATOS SEQUEIRA

História do Teatro Nacional D. Maria II

A crónica do centenário (1846-1946)

Em 1946—já lá vão dez anos!—fez um século que nasceu, ali, no Rossio, no mesmo sítio onde foi a Santa Inquisição e depois a Regência, para já não falar na Câmara dos Pares, Repartição do Selo, Academia de Fortificação, Tesouro Público, etc., como enumeram, eruditamente, Matos Sequeira—o hoje denominado Teatro Nacional de D. Maria II.

Semelhante data merecia, de facto, que se traçasse, evocasse, comentasse essa longa—e já agora porque não dizê-lo?—gloriosa existência, que embora tenha conhecido dramáticas vicissitudes, representa como continuidade—descontando, evidentemente, as intermitências das explorações, até, os acasos da política—ser condignamente, assinalada.

Eis o motivo por que surgem estes dois grossos volumes, sem dúvida um pouco tardiamente, em que se rememoram os fastos do nosso teatro normal.

Estamos a ver Matos Sequeira, murganho atilado de bibliotecas e arquivos, sacudindo o pó dos velhos papéis e processos da nossa primeira cena e, através desse labirinto, com o fio cronológico de Ariana nas mãos, atravessar épocas faustosas, preencher soluções de continuidade, ou encontrar, um nadinha assombrado e guloso, o quejo apetitoso de picantes acontecimentos, que podem muito bem ser as emaranhadas intrigas entre autores e actores, a ribalta e a plateia.

Foi-lhe cometido esse encargo, quando se pensou em celebrar, publicamente, o centenário do D. Maria. O plano projectado, que era exequível, foi por água abaixo, talvez porque custasse mais de seiscentos contos, mas alguma coisa ficou, talvez mesmo o mais importante—esta larga, exaustiva e ope-rosa obra de Matos Sequeira, em dois rotundos volumes, que somam mais de 800 páginas, com numerosos documentos que nos encantam, apesar da patine do tempo (retratos, velhos bilhetes, gravuras de edifícios) pelo seu aspecto familiar, convivente com o público, a lembrar-lhe, pelo menos, os das últimas décadas, um pouco da nossa juventude, já como crítico feroz—diziam-no—, já como espectador apaixonado das temporadas do teatro do Rossio.

Numa matéria tão densa como esta, havia forçosamente, de estabelecer um esquema, de traçar um caminho, para não ficar a ver navios no Alto de Santa Catarina—onde mora Lucília Simões, que foi uma brilhante dama da nossa primeira cena—enquanto o tempo passava ocioso, fazendo hesitar o cronista.

Mas pergunta-se: não teria sido melhor fazer uma história do teatro português—que ainda não existe—embora tivesse como núcleo fundamental a existência da Casa de Garrett? Porque, evidentemente, uma cena, como a do D. Maria II, não possui, apenas, o património artístico, tendo por fronteiras, o que se passa no palco.

Tem mais do que isso: a plateia rumorejante ou silenciosa com as suas figuras típicas, os iriados reflexos da política, o mundanismo de bom tom, os costumes anacrónicos ou de hoje, das modas preciosas, as galas solenes, o que se bacoreja nos corredores, e ainda o ambiente exterior dos «cafés» e das livrarias, o carácter histriónico dos artistas, mesmo a sua intimidade, dentro dos limites que a correcção impõe—todo um mundo brilhante, luculante, em que, além desses elementos característicos, muitos outros há que nos dão a fisionomia de uma cidade, até mesmo de um país, a sua maneira de viver e de sentir, o seu conceito crítico, as suas tendências literárias, sobretudo dramáticas, de que o D. Maria foi, na verdade, um espelho nítido, em que, facilmente, apesar do tempo morto—ou vivo!—se divisam ainda as imagens.

Por esse prospecto se podia afeirar a evolução deste último século português. Primacialmente, do seu teatro em função analítica.

Doas grandes épocas se guardam ali, como num museu: a romântica e a realista, e não vale a pena citar nomes de autores, nem de peças. Há espectadores que ainda os recordam. E não só isso, as maneiras de representar, de ensaiar, de cenografar, deixando para o fim, como

mero apêndice ou roteiro o título das obras, suas datas, e os devidos índices onomásticos.

Mas inquirir-se: a quem podia ser confiada essa obra evocativa e analítica, de crónica viva e palpante, mais memorialista, nos seus reptos de evocação, do que historicista, como ainda há pouco saiu uma em Paris, da Dussane, em que o palco antigo da *Comédie Française*, com figuras de carne e osso, e não esteriotipadas no papel, parece ainda aberto, e se ouvem as belas vozes da Rejane, Sarah Bernhardt, e tantas outras e outros?

Ao próprio Matos Sequeira, cuja erudição rigorosa e a pena brilhante, nos dariam, magicamente, essas retrospectivas, autênticos quadros, em que as representações reviveriam, na sua luz, na sua marcação, na sua figuração, no seu entreccho em que tantas vezes o romance do teatro se confundia com o romance íntimo de muitos ou de todos.

Foi pena que não se tivessem dado ensanchas a Matos Sequeira para planificar a sua obra de outro modo. Este nosso reparo não invalida de modo algum o valor da «História do Teatro Nacional D. Maria II»—até mesmo pela simples razão de que não vemos outrem que a pudesse fazer, reconstituindo, paciente e inteligentemente, o «puzzle» desmanchado pelo tempo.

Nela ficaram os caboucos fundamentais do estudo que sugerimos, de tal maneira que, em qualquer tempo, seja quem for, ali tem de recorrer inevitavelmente, encontrando caudalosas fontes de informação.

Talvez que a parte mais interessante da obra de Matos Sequeira seja a que se refere aos trabalhos da escolha do local para a implantação do teatro.

Não se foi directamente ao Rossio. Houve mais seis lugares que mereceram objecto de exame aos fundadores do teatro, e há, segundo Matos Sequeira, que juntar ao nome de Almeida Garrett, que tanto se empenhou por criar uma dramaturgia nacional, fundando-a, não só, materialmente, com a construção do nobre edifício, mas artisticamente, porque lhe deu com o «Frei Luís de Sousa» a mais notável peça de todo o teatro português—há que juntar-lhe, diziam, o nome de Joaquim Larcher, primeiro governador civil de Lisboa e seu alter-ego, quando os azares da política o eclipsavam do galarrim, nos trabalhos e comissões para a edificação do Normal.

Em planta explicativa refere Matos Sequeira os locais apontados para o teatro: edifício do actual Governo Civil, Rossio, antiga igreja de São Francisco, Rua dos Condes, Calçada do Duque, Largo da Abegoria, Praça de Camões e Rua das Chagas—conforme se vê na legenda, que ilustra um extra-texto da obra.

Verifica-se que, apesar da sua infelicidade, a casa de Garrett teve sorte!

Ficou, no eixo da cidade, com uma zona naturalmente urbanizada, já então, que realça, admiravelmente, a sua massa arquitectónica, muito mais sã e clara do que a de *Comédie Française*.

Olha-se hoje para o edifício de Lodi, que, sofreu, posteriormente, modificações de pormenor, e verifica-se que o artista italiano ultrapassou, esteticamente, as construções do tempo em Lisboa. Não lhe encontramos réplica, a não ser, talvez, na fachada da Câmara Municipal.

Quebrou a tradição da arquitectura fradesca, mesmo joanina, a qual só se sente e compreende em residências aristocráticas.

Por outras palavras deu ao teatro um aspecto monumental, exprimindo a sua função cuja última parte é lema de arquitectura de hoje.

Depois de um largo introito, em que fixa as características do nosso teatro, nos séculos XVIII e XIX, locais de espectáculo—bem po-



MATOS SEQUEIRA

bres por sinal—guerras e guerrilhas de empresários e companhias, onde havia, então, muitos estrangeiros, sem dúvida, alguns talentos, mas ávidos de pecunia, e desfrutando a admiração basbaque do indígena, como a azougada Zamperini,—entra Matos Sequeira, na vida do D. Maria II, acompanhando-a, sem cansaço, *pari passu* através de um século de existência (1846-1946).

Quase um trabalho de Heracles, mas o narrador não perde o fio à meada, bem como o nome de uma peça ou dos titulares do respectivo desempenho.

Fugiu, no geral, ao processo crítico, mas uma ou outra vez, a pena trai-o, como quando diz que Ester Leão é uma figura de segundo plano, que talvez o seja, sem classificar, porém, as outras, numa hierarquia de valores, visto que, certamente, houve mais ao lado, acima, e abaixo dela.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da página anterior)

troos recursos. O elefante, por exemplo. Creio que neste animal, na fêmea e no macho, as trombas são iguais. E há também o camelo. Não afirmo, porque não sei, se neste animal, as bossas, as corcovas são idênticas. Mas esse recurso só seria justificado se o poeta fosse hindo ou árabe. Ocidentally o poeta só tinha a sua disposição os equídeos e, com uma sensibilidade fina e moderna, preferiu a égua. Confesso que é a primeira vez que vejo uma égua entrar de pleno direito e com a propósito, na Poesia. E concordo. Tanto mais que, por essas literaturas da Europa, no romance e no teatro, há uma tendência sensível para não distinguir os sexos, aproveitando o que, num e noutro, há de específico prestado-se a particulares efeitos literários. Na composição a que me refiro o Poeta optou, escolheu a égua. Isto depõe, quanto a mim, a favor dos seus princípios estéticos e tem o meu pleno acordo. Nunca fui poeta mas através das minhas actividades na cena do Mundo têm sido sempre esses os meus postulados de estética. Não sei se isto se pode aplicar às estátuas equestres.

Mas creio que não. O cavalo de D. José não o vejo substituído com vantagem, por uma égua. Mas todos esses monumentos são memórias do Passado. Ora os tempos mudaram. A glória guerreira já não se exprime hoje, na estatuaría e na pintura, por cavalos de grandes crinas. Quando se come o cavalo em bifes justo

Não cintila, infelizmente, o monóculo de Gualdino Gomes, no «galinheiro» do D. Maria, comandando as hostes da patuleia das pateadas ou das ovações, com os seus chistes, que fizeram época—crítico dos críticos, afinal—pontificando no alto da sala e na mesa dos botelheiros, apesar de só ter escrito uma peça, o que não está provado a não ser nos dierios da época.

Mas que figura!! Que panache!! Como representou tão bem o veredicto do terceiro estado! Ainda lá está, no alto da sala, mesmo não citado!

Através da densa e completa obra de Matos Sequeira, em rápida perspectiva de matizes verifica-se que houve duas grandes épocas de teatro e também de representação.

Nos finais do século passado, chegando a nossos dias, uma pleiade notável de dramaturgos: Julio Dantas, grande mestre de teatro, com essa obra-prima que é «O Serão nas Laranjeiras», onde se evoca o galante e doirado esplendor de toda uma época, e «A Severa» tão vinadamente portuguesa, em que o povo e a nobreza, do mesmo sangue ativo, afinal, se encontram com idêntica expressão de amor e de orgulho, de paixão e de sentimento. D. João da Camara, o dos «Peraltas e Secias»; Lopes de Mendonça, o de «Morta»; Fernando Caldeira, o da «Mantilha de Renda» e poucos mais. E a geração neo-romântica, cada um da sua estirpe dramática que deu á cena portuguesa o que, afinal, Garrett procurava em vão, concitando os escritores a produzir para o Teatro e emendando-lhes os originais—um carácter, lididamente, nacional, com figuras vivas, tipos expressivos, almas nossas e humanos conflitos. Período de esplendor, unico na história do Teatro em que todas as circunstancias se confinaram para executar o mandato espiritual do autor do *Frei Luís de Sousa*, pa-

é que se prefiram as éguas para as proezas hípicas e para os arroubos líricos.

E' claro que isto exprime apenas uma concordância com o Poeta, mas não é, de modo algum, uma opinião que eu pretenda fazer passar como a única aceitável. Nisto, como em tudo, a opinião depende do gosto de cada um. Eu concordo com o poeta. Se fizesse versos ou se montasse, eu preferia as éguas. Mas como não fiz versos, e, hoje, pela minha idade, só ando a pé ou em qualquer outro meio de locomocção, não me dou a proezas hípicas, a minha opinião nada vale. Tanto mais que é desinteressada, tratando-se, como se trata, não de poesia épica, mas de poesia hípica. RAMADA CURTO



AMELIA REY COLAÇO

ROBLES MONTEIRO

gando assim a dívida que a Nação deixara em aberto ao seu génio imortal.

Paralelamente, uma teoria de artistas, em que Emilia das Neves, rainha do prosaénio, Virginia, Rosa Damasceno, Santos Pitorra, Telmo—para que citar mais?—criam grandes discípulos, que mestres seriam, como os Rosas, Brasão, a Angela Pinto, Adeline, Abranches, Ferreira da Silva, Chaby, e tantos outros.

A essés ainda os vimos, e pena é, repetimos que a sua idiossincrasia artística não tenha sido devidamente estudada.

Na segunda época, destacamos, através da perspectiva de Matos Sequeira, os nomes de Ramada Curto, ao qual não se fez ainda inteira justiça no pretório da história do teatro, talvez pelo «handicap» das suas múltiplas facetas literárias, que processou na sua obra os costumes e os tipos da nossa época; Virginia Vitorino, Carlos Selvagem, Vasco de Mendonça Alves e Alfredo Cortês, muito embora as obras deste ultimo sejam discutíveis em mais de um ponto. A par disso, o melhor recheio da dramaturgia estrangeira que Norberto Lopes, Acúrcio Pereira, Alvaro de Andrade e outros verteram para o nosso idioma.

Dir-se-ia que, com o nível dos autores, se manteve também o nível dos artistas.

Deixemos passar o seu cortejo, mais ou menos brilhante, as suas disputas, ciúmes e ambições, e reparemos nos que nem sempre o público conhece: ensaiadores, por exemplo que, embora, por vezes tivessem de se lembrar da «recta pronuncia» que defendia Garrett, nos deram notáveis conjuntos de expressão artística, em que os papéis eram encarnados em sangue é alma, numa só vida, sem a duplicidade, proventura, errada do famoso paradoxo de Diderot.

Eis se não quando surge noutro teatro uma rapariga ruiva, franzina, descalça, faultante do sol do seu talento e da sua sagrada inspiração. Condu-la enternecido pela mão um grande mestre: Augusto Rosa e ela, a pequena flor, tímida e receosa, que parece cantar na sua voz fragil, como um colibri, é nada mais nada menos que Amélia Rey Colaço.

Nessa noite já longínqua e febril de entusiasmo no D. Amélia, o teatro nacional encontrara no seu destino sem o saber, a mais luminosa estrela. Ainda estava longe, ainda havia de decorrer algum tempo até que a sua orbita flamejante tocasse, incendiando-as de beleza, as pedras seculares do Nacional. Mas os fados queriam-no.

E Amélia Rey Colaço com Robles Monteiro, de uma casa velha, casa de Orates, onde ninguém se entendia, com explorações relampago, «deficits», e relapso aos contratos, fizeram a bem dizer um teatro novo, dando-lhe nestes ultimos anos, uma série de representações, em que o teatro e a arte—não se podem separar—são dignos das nossas melhores tradições dramáticas. Durante certo tempo mesmo—com antecipações havíamos o escrito, há muitos anos, no «Diário de Notícias»—só a casa de Garrett esteve aberta ao publico cumprindo a sua função cultural.

Foi preciso quase um século. Mas tudo leva tempo!

Dir-se-ia que, debaixo dos porões do Nacional, os anatematos dos encarcerados da Inquisição se deixaram finalmente de ouvir. O testemunho de Matos Sequeira é um valioso documento que, na sua nudez objectiva, constitui um manancial inesgotável de efemerides de uma longa e atormentada história.

RONDA NOCTURNA — (3)

César, o marinheiro-soldado Frederik Mayer, o húngaro e outras gentes de Monsanto

Na silhueta do morro, a umas duas dezenas de metros acima de nós, quase na vertical, recortando-se contra o céu, a matilha de cães surgiu quase silenciosamente. Andavam em grupo cerrado, fauna estranha à serra, em procura de furtivos animais que a terra esconde.

Cães de cruzamento vário, pequenos e grandes, rafeiros, produtos dos acasos biológicos, vadiavam

em grupo, espregando aqui e ali, farejando um raro alimento. Qualquer coisa se passou. No alto da falésia que se erguia à nossa frente, numa mancha clara de terreno xistoso em erosão, um uivo prolongado rompeu a calma, lançado por um canzarrão enorme que parecia chefiar o grupo.

Surgira algo para disputar. O bicho, prepotente, fiava-se na sua

força. Um ronco medonho saiu-lhe das goelas num desafio, a dentuça arreganhada, exibindo ameaçadoramente os enormes colmillos. A canzoada receava aproximar-se. O outro saciava-se já na presa, rosnando. Mas a fome, o mastigar ruidoso e guloso do outro acirrava-lhe o instinto. Aquilo já durava havia muito tempo. Agora um, depois outro, os rafeiros aproximaram-se, os mais corajosos à frente. O mastim, desconfiado, largou o alimento e preparou-se para a luta. Era um verdadeiro cerco. Voltou-se, rápido, num golpe de músculos. Outros avançavam rosnando. A luta generaliza-se, por todo o perfil do morro. Com um uivo de pavor perante o irresistível assalto, o mastim corre desvairado, com os inimigos mais furiosos à trela, mordendo-lhe o cachaço e os lombos. Os últimos latidos perdem-se ao longe nas distâncias da serra; os perseguidores regressam e, agora, todos em silêncio, a presa repartida, ficam-se a mastigar o sossego. A nossa volta, o pequeno episódio passa despercebido. Tínhamos já percorrido grande parte das furnas, sentindo de perto a vida dolorosa destas existências, o seu drama.

César—marinheiro e soldado

A serra, nesta parte central, é escura como breu. Nem uma luz. E, no entanto, centenas de pessoas rodeiam-nos, recolhidas no seu turgido. As lampadas dos soldados pereceram minuciosamente a escuridão e, por vezes, a luz é devolvida pelo facho dos olhos de um gato que logo desaparece; ou então, incide sobre uma barraca. Os nossos passos ressoam no terreno de cascalho e deve haver olhos a espreitar-nos. Os soldados param aqui e além numa porta e, prontamente, alguém responde.

—Há aqui um tipo engraçado— diz-nos o soldado bem falante—. É o César estivador.

A fumaça do homem está metida num pequeno barranco, fechada



Cada um a sua história...

por uma porta onde nem sequer cabem os ombros. O César tem um despertar lento e minucioso. Acende lá dentro uma candela e, segurando as calças, surge estremunhado à porta, minutos depois, balbuciando desculpas. A luz da lampada ilumina debilmente o interior, que não tem mais de dois metros quadrados, cavado no terreno.

O amigo César está com a voz pastosa e, sem ninguém lhe dar corda, começa a falar de si. Quase parece delirar. Os braços cobertos de tatuagens agitam-se, preguiçosamente, no ar, em gestos vazios. As calças teimam em escorregar-lhe e, entre uma fungadela e duas frases, deita-lhes a mão. Puxamos-lhe pela língua. O olhar vítreo do homem perde-se e é como se falasse sozinho. Primeiro, taramela incoerentemente; depois, as palavras ganham mais sentido e percebemos que relata coisas distantes da sua vida. O cabelo ralo e branco escorrega-lhe para a testa; uma cicatriz funda sulca-lhe o rosto. Tem 64 anos e na sua juventude foi fogueiro a bordo de um navio inglês que,

(Continua na 11.ª página)

As comemorações do 31.º aniversário da 1.ª viagem aérea à África Portuguesa

Efectua-se amanhã, na Casa do Alentejo, um jantar comemorativo do 31.º aniversário da primeira viagem aérea à África Portuguesa e de homenagem aos valorosos aviadores que realizaram a gloriosa e arrojada travessia.

Foi no dia 27 de Março de 1925, pelas 10 horas, que descolou do campo de aviação da Amadora o «Breguet 15», tripulado pelos então capitão Pinheiro Correia e tenente Sérgio da Silva, que levavam como mecânico o primeiro-sargento Manuel António. Pouco depois elevava-se nos ares o «Breguet 13», com os tenentes Pizarra e José Carlos e o jornalista Mário Graça. O capitão Pais Ramos voara uma hora antes no «Breguet 13».

Perante a expectativa dos que ficavam e bem conheciam as dificuldades e perigos do empreendimento, os dois aparelhos seguiram o caminho da glória — ou da morte — que ambos, ao cabo, foram alcançados!

Enquanto Pinheiro Correia vinha a distância que nos separa da Guiné, o «Breguet 13» caía próximo do cemitério de Barcarena. Logo o tenente Pizarra encontrou a morte, que destemidamente desafiara, e os seus companheiros, gravemente feridos, foram retirados dos destroços do aparelho e levados ao hospital. O jovem jornalista Mário Graça — contava apenas 26 anos — morreu horas antes de ter chegado a Lisboa a notícia ansiosamente aguardada: Pinheiro Correia descerá em Bolama, depois de fazer escala por Casablanca, Agadir, Cabo Juby e Saint-Louis, no Senegal. A boa nova entusiasmou o País, que vivia então uma hora alta de heroísmo, galvanizado por mais um feito extraordinário da Aviação Portuguesa, a somar aos de Sacadura e Coutinho e de Sarmento de Beires e Brito Pais.

O entusiasmo provocado pelo êxito de Pinheiro Correia e Sérgio da Silva — porém, não fez esquecer o sacrifício de Pizarra e Mário Graça, cuja morte prematura e brutal ficou a constituir um elo entre a Aviação e a Imprensa portuguesas, cimentado nas mais belas tradições que aureolam as duas actividades — heróica e de sacrifício. Por isso, a par da homenagem aos ilustres e valorosos aviadores que realizaram a primeira viagem aérea à Guiné, a que se associarão os srs. subsecretário de Estado da Aeronáutica e o chefe do Estado-Maior das Forças Aéreas, recordar-se-á também a memória do infortunado «reporter». Assim, amanhã, pelas 11 horas, haverá uma romagem ao jazigo de Mário Graça, no Alto de S. João, acto em que evocará a sua vida o jornalista Leopoldo Nunes.

BOLSAS DE ESTUDO oferecidas pela U. E. P.

A União Eléctrica Portuguesa, que muito se tem interessado pela acção social da Escola Industrial e Comercial do Setúbal, oferece agora com destino a alunos daquele estabelecimento de ensino, durante cinco anos, quatro bolsas de estudo no valor de 2.000\$00 cada uma.

Vender Muito E Ganhar Pouco!...

É a divisa do **BARATEIRO DE S. DOMINGOS** pelos baixos preços que vende Ouro, Pratas, Joias e Relógios, mais baratos do que a tabela.

Rua Barros Queirós, 56

EXPOSIÇÃO TÉCNICA

AE

Tudo para produção
ELECTRICA

JOIAS ANTICAS

E MODERNAS

compra cobrindo todas as ofertas

Ourivesaria Pimenta

Rua Augusta, 253 — Telef. 2 4564

De ontem para hoje

* **PAVOROSO SEQUITO** — Atacam geralmente em grupos de três. E, apesar dos gritos dos pastores, que desesperadamente imploram auxílio, cevam as suas longas fomes nas ovelhas e nos cordeiros, ou arrastam-nos consigo para as escuras barrocas onde se acoitam. «E' lobo! Acudam, que é lobo» — berram os pequenos guardadores, atemorizados, vendo dizimadas as suas reses. E as feras, hirsutas, viscosas, uivando, amareladamente se escoam pelos rasgões da serra. Assim tem sido lá para o Norte, em Padronelo e em Jazente, no lugar da Encertada e no da Boavista. Tornou-se perigoso atravessar a serra da Abobreira, entre Amarante e Baião. Um comerciante de Carvalho de Rei, o sr. António Teixeira Mendes, quando por lá passava de noite, a cavalo, foi forçado a apeiar-se, porque a sua montada, sentindo-se acompanhada pelos lobos que, sinistros, na escuridão, rondavam o caminho, recusava-se a avançar, empolgada pelo medo. Só levando o cavalo à redea, conseguiu o viandante nocturno atingir a primeira povoação, onde o seu medonho séquito finalmente o abandonou.

* **REFLEXO DE SANTIDADE** — Com 86 anos de idade, faleceu no sítio de Aljustrel a sr. D. Olímpia de Jesus Marto, figura venerada em toda a freguesia de Fátima por ser a mãe dos falecidos pastorinhos Jacinta e Francisco, os videntes da Cova da Iria, que no agiologio português ocupam já tão excelso lugar. Toda a população de Aljustrel de Fátima ficou comovida com o falecimento da bondosa senhora, que deixa, além de seu marido, Manuel Pedro Marto, quatro filhos, numerosos netos e alguns bisnetos. O reflexo de santidade que em vida a aureolou aos olhos do povo ainda na morte a acompanha.

* **CARNES LACERADAS** — Três acidentes ferroviários assinalaram de forma sangrenta o dia de ontem. Não há desastres mais crus e repulsivos do que estes do caminho de ferro, com os seus despojos atrozes de carnes dilaceradas, corpos estroncados, informes. Quando pacatamente se dirigia à Amadora, para ouvir missa, foi trucidada por um comboio, na passagem de nível da Reboleira, Sebastiana das Dores Fernandes, de 75 anos. O segundo caso, não menos afilitivo e doloroso, ocorreu próximo da estação de Cazarias, onde o «Sud-expresso» colheu, também mortalmente, António Lopes Diamantino. Do terceiro e último acidente, que se deu em frente da doca de Pedrouços, foi vítima Elisa Matos da Piedade, de 36 anos, a qual, atropelada por um comboio rápido entre Cais do Sodré e Algés, sofreu apenas esmagamento de um pé. No meio da sua infelicidade, há que reconhecer que ainda teve sorte.

* **A IMPREVIDENCIA INFANTIL** — Não se pode recomendar prudência às crianças e descansar na consciência de o haver feito. E' preciso que os adultos velem constantemente por elas. Uma menina de 5 anos, Maria Deolinda Faria, quando, em Barcelos atravessava uma estrada em louca correria, foi colhida por uma bicicleta motorizada e ficou muito ferida. Em Vilariño (Lousã) ao saltar um valado, Maria Celeste Martins, de 12 anos, desequilibrou-se e caiu num poço, onde morreu afogada. Quantos desastres desta natureza não se evitam com um pouco, simplesmente um pouco mais, de cuidado!

* **JORNAL PEQUENO** — Estiveram no Palácio Nacional de Belem a inscrever-se no livro de cumprimentos ao presidente da Republica os srs. dr. António de Sêves, ministro de Portugal na Dinamarca; W. Theburn, R. Zoult, Mollet, comandante Davis, Eduardo Malta, Severo Portela Junior, Eregénio Correia e António Montês, director do Museu Malhoa. * Seguiu ontem, por via aérea, para Goa o comandante Ernesto José Saldanha Enes, que vai substituir o comandante Lopes Mendonça como chefe do Estado-Maior Naval da Índia Portuguesa. * Por decreto recente, a freguesia do concelho de Vila de Rei até agora conhecida pelo nome de Peso passa a chamar-se freguesia de S. João do Peso. * O dr. Rodrigo Octávio Filho, membro da Academia Brasileira de Letras e seu presidente cessante, acompanhado pelo embaixador do Brasil em Portugal, visitou ontem o Arquivo Histórico Ultramarino. * Apareceu em Casevil, entre Pernes e Parceiro de S. João, o cadáver de um desconhecido que se supõe tenha sido atropelado por qualquer carro, cujo condutor se eximiu cobardemente das suas responsabilidades. * Na estrada de Espoende, perto de Barcelos, o pedreiro, António Faria dos Santos, de 21 anos, foi colhido mortalmente por um automóvel.

ARCO IRIS

RESTAURANTA-BAR

Praça do Areeiro, 8 — Telef. 725349

(Edifício Arranha-Céus)

O MELHOR SERVIÇO DE RESTAURANTE — O MELHOR PESSOAL DE BAR — ARNOLD E TONY BARMANS, ESPECIALMENTE CONTRATADOS EM INGLATERRA

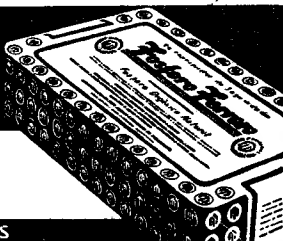
HOJE — COCKTAIL DO DIA: DRY OR SWEET MARTINI

Direcção de FERNANDO SANTOS

Fósforo Ferrero

PODEROSO RECONSTITUINTE
DO SISTEMA NERVOSO

A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS



Grças às diligências empreendidas pelo nosso jornal, para encontrar a família da criança nascida no hospital de S. José em condições trágicas (pois a sua mãe, uma pobre camponesa alentejana, deu-a à luz no decorrer de uma intervenção cirúrgica, após a qual faleceu), o caso vai ter, agora, ao que parece uma feliz solução.

Na verdade, logo que o acidente foi conhecido e perante o facto de a família da Cláudia Maria não aparecer, apresentou-se em S. José um antigo médico do hospital, o sr. dr. António Pessoa Lobato Cortesão, que se prontificou a tomar conta do menino, entretanto entregue aos cuidados do Auxílio Maternal do Pessoal dos Hospitais Cíveis de Lisboa.

Hoje, o pai da criança, o campônês António José Gaudêncio, que veio para Lisboa por iniciativa do nosso jornal, depois de o termos localizado nos arrozais da região de Santiago de Cacém, onde trabalhava, avistou-se com aquele clínico, a fim de, com ele, tratar da adopção da criança.

O sr. dr. Lobato Cortesão disse-nos que já desde há tempos tem solicitado ao Instituto de Assistência à Família a adopção de uma criança que aparecesse em condições idênticas a deste caso, facto que o levou, agora, a interessar-se pelo filho da Cláudia Maria.

O encontro com o pai da criança, nascida em S. José, a fim da situação ser regularizada, deu-se ao começo da tarde de hoje na residência daquele clínico.

Com plena concordância do pai, ficou assente que o sr. dr. Lobato Cortesão ficaria com a criança a seu cargo, depois de cumpridas as

formalidades legais, confiando em que mais tarde lhe seja possível perfilhá-la.

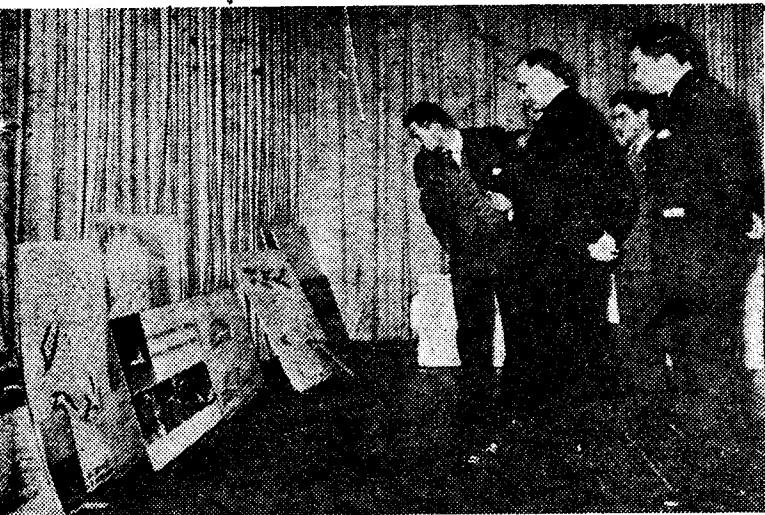
Assim, o pequenito que dentro de dias será baptizado, terá à sua frente um sorridente e promotor futuro.

O António José Gaudêncio veio falar connosco, e agradecer a acção que o nosso jornal teve neste caso. Ficará ainda hoje em Lisboa, para assistir ao funeral da sua companheira, a Cláudia Maria, que se realizará amanhã, às 10 horas, do Necrotério para o Alto de S. João.

As respectivas despesas são, também, custeadas pelo sr. dr. Lobato Cortesão.

Depois de um início trágico encerra-se, assim, por forma feliz, o triste caso da criança nascida no Hospital de S. José.

O caso da criança nascida em S. José provocou um generoso movimento de simpatia entre os nossos leitores. Assim, destinado ao pai da criança e para auxílio do funeral da Cláudia Maria, recebemos os seguintes donativos: G. P., 40\$00; Anónimo, 100\$00; de Santo António, 100\$00. Também se interessou pelo caso a Casa do Alentejo que está na disposição de prestar auxílio ao António José Gaudêncio.



O prof. Marcello Caetano observando os anteprojectos

O ministro da Presidência examinou os anteprojectos do Pavilhão português para a Exposição de Bruxelas



O jovem architecto Pedro Cid, autor do anteprojecto premiado

O ministro da Presidência, de quem depende o Commissariado-Geral de Portugal para a Exposição Universal e Internacional de Bruxelas de 1958, que tem acompanhado com muita atenção todos os trabalhos preparatórios da nossa representação, mostrou-se também interessado em conhecer os anteprojectos para o pavilhão português, que foram apresentados ao concurso aberto entre os architectos portugueses, que se encerrou há dias.

O sr. prof. dr. Marcello Caetano deslocou-se, por isso, ao salão da «Ilustração Portuguesa», onde os trabalhos se encontram, para efeito de serem expostos, em breve, ao publico. Na ausência de Lisboa do commissário-geral, sr. conde de Pe-

nhá Garcia, aquele membro do Governo foi recebido pelos commissários adjuntos, srs. architecto Jorge Segurado e dr. Mário Neves, e pelo chefe dos serviços do Commissariado, dr. Silva Martins, que secretariou o juri do concurso. A entrada, o sr. prof. dr. Marcello Caetano foi cumprimentado pelos srs. João Pereira da Rosa, que se encontrava acompanhado do seu filho, sr. Carlos Alberto Pereira da Rosa.

Na companhia dos representantes do Commissariado-Geral de Portugal, o ministro examinou, depois, detidamente, os vinte anteprojectos apresentados a concurso e, em face do trabalho escolhido, reconheceu o acerto da decisão do juri. Tendo manifestado interesse em conhecer o autor do anteprojecto seleccionado, foi convidado a comparecer o jovem architecto Pedro Cid, a quem o ministro dirigiu palavras de cumprimentos.

O sr. prof. dr. Marcello Caetano foi, por fim, acompanhado até a porta, novamente, pelos commissários-adjuntos, e pelo sr. João Pereira da Rosa, que voltou a aparecer e a quem o ministro da Presidência agradeceu a amabilidade com que o director de «O Século» cedera a sala da «Ilustração Portuguesa» para se realizar a exposição dos anteprojectos.

A bateria de Alcabideche vai ser instalada num novo e moderno quartel

A guarnição da Bateria de Alcabideche, do Regimento de Artilharia de Costa, vai alojar-se, a partir de amanhã, num novo quartel, que substitui os abarracamentos de madeira que, até agora, lhe serviam de aquartelamento. As novas instalações, construídas pela Comissão Executiva das Obras Militares Extraordinárias, ficam situadas a escasas centenas de metros do local onde estão instaladas as peças da bateria, ao lado da estrada que passa por Alcabideche. De traço moderno, o edificio divide-se em três corpos. O corpo central destina-se só a praças e pode albergar normalmente 160 homens, repartidos por amplas, arejadas e limpas camaratas. A sala do soldado, mobiliada em estilo rustico, como aliás o são, também, as restantes dependências do quartel, possui um pequeno «bar», um aparelho de T. S. F. e algumas mesas com jogos de sala, incluindo um tabuleiro de xadrez. Para as praças existem, ainda modernas instalações sanitárias, uma barbearia e duas excelentes salas de aula.

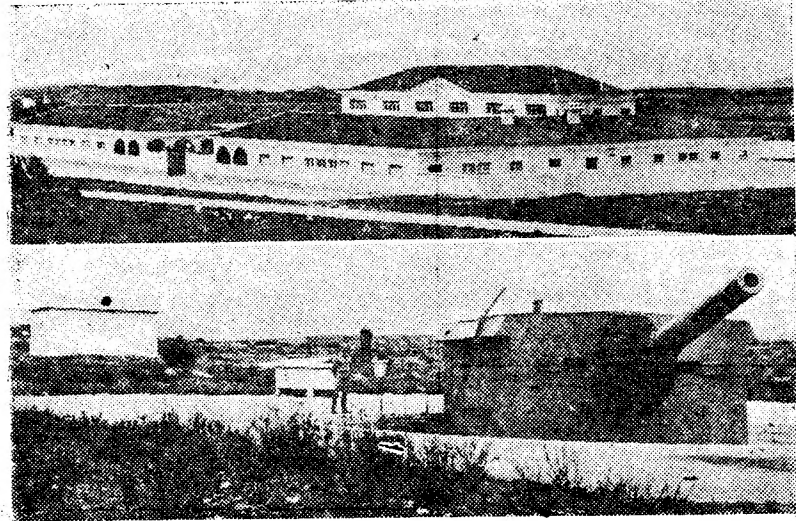
Num dos corpos laterais ficam as dependências do comando, onde o luxo se funde admiravelmente com sobriedade, combinando vistosas alcantifas e reposteiros verdes com o castanho morto do mobiliário, todo ele construído com apreciável sentido de comodidade. Junto do comando situam-se as messes de oficiais e sargentos, com as respectivas cozinhas, providas dos mais modernos utensílios de menage. A ultima destas messes liga com o refeitório das praças, onde cada sol-

dados possui um lugar próprio, provido de guardanapo, copos para água e vinho, pratos de louça e talheres cromados. Nota-se a preocupação de fornecer a cada homem todos os elementos indispensáveis a uma vida limpa e confortável, o que tem plena justificação e merece, aliás, o geral aplauso.

Digna de registo é, também, a enfermaria do novo quartel, que possui um bem apetrechado posto de socorros, com aparelhagem moderna de pequena cirurgia.

Todo o edificio foi, esta tarde, demoradamente visitado pelos representantes da Imprensa, que foram unanimes em enaltecer aquela magnifica obra. Os jornalistas foram recebidos pelos srs. coronel Belarmino de Vasconcelos e capitão Carmelo Rosa, comandantes, respectivamente, do Regimento de Artilharia de Costa e da Bateria de Alcabideche. Este ultimo acompanhou, depois, os visitantes até junto das peças que formam a bateria, as quais despertaram em todos viva curiosidade.

Estas peças, em numero de três, destinam-se ao contrabombardamento, para defesa da barra de Lisboa, cada uma delas munida de central eléctrica própria, bombas de óleo e compressores de ar. O conjunto das três bocas de fogo dispõe de um posto central de tiro, um posto de observação e outro de comando. Nestes dois ultimos postos existem vários telefones, microfones, sistemas de sinais luminosos, binóculos periscópicos e um telemetro traçador. As referidas pe-



Dois aspectos do novo aquartelamento



Fausto Sampaio

«o Pintor do Império» morreu hoje com 63 anos

Com um ataque cardíaco, faleceu hoje, pelas 13 e 30, o brilhante pintor Fausto Sampaio, uma das palestras mais cromáticas da nossa arte. Era um extraordinário colorista e um viajero infatigável, que introduziu, na arte portuguesa, os tipos e as atmosferas exóticas. Era surdo-mudo, e essa carência como que fez criar uma nova linguagem — a das tintas, numa exuberancia solar veemente, que foi sempre a característica dominadora do seu magnifico talento.

Durante seis anos estudou no Instituto dos Surdo-Mudos Araujo Porto, na capital do Norte. Mais tarde ingressava, na Casa Pia de Lisboa, onde aprendeu os primeiros

(Continua na 14.ª página)

Jovem lavadeira

morta por uma camioneta à beira do rio

VILA FRANCA DE XIRA, 4. (Pelo telefone). — Eram 13 e 30 e, junto do cais de embarque desta vila, uma camioneta, pertencente a João Maria Conde, e guiada por António Bértolo da Silva, estacionava, carregada de pedra que estava a ser descarregada. Mais adiante, Maria Emilia dos Santos, de 16 anos, natural do Entroncamento e aqui residente, filha de Manuel dos Santos, ausente, e de Celeste Augusta Marques, guarda da linha da C. P., lavava roupa, desprocuradamente.

A certa altura, a camioneta, por causas ainda não reveladas, desandou, cilindrando, a infeliz rapariga, que foi arrastada com o veículo para o fundo do rio. Pouco depois, a infeliz rapariga era retirada das águas, com a cabeça esmagada, recolhendo o corpo á casa mortuária.

O casamento no Mónaco

(Continuação da 1.ª página)

como presente de casamento. Nas malas da encantadora rapariga, vão, também, vestidos de noite de saia comprida e curta e trajes de passeio. Os vestidos são, na maior parte, de seda. O enxoval é avaliado em muitos milhares de dólares.

Grace Kelly e as 80 pessoas que a acompanham viajam em «suites» de 1.ª classe. Seus pais, mr. e mrs. John Kelly, fazem parte do grupo. Seguem no paquete, também, inúmeros jornalistas e fotógrafos, mas a maior parte deles viaja, em segunda classe por não haver lugares disponíveis na primeira.

Quando o «Constitution» chegar ao Mediterraneo, o príncipe Rainier irá ao seu encontro no iate particular e nele embarcará Grace, para a parte final da viagem até Monte Carlo. — (R.).

Os preparativos em Mónaco

MONTE CARLO, 4.—Prosseguem febrilmente os preparativos para o casamento do príncipe Rainier III com a artista de cinema Grace Kelly.

O noivo, que reside no seu palacete «Ibéria», em Cap Ferrat, entre Mónaco e Nice, vem, todos os dias, ao palácio, a fim de dirigir superiormente a organização das cerimónias, interessando-se pelos mais pequenos pormenores. Todos os dias recebe grande numero de objectos de toda a qualidade, que fabricantes engenhosos submetem á sua apreciação, com o pedido de autorização de inscrever o seu nome e o de Grace Kelly, quando não

os retratos e os monogramas, na publicidade dos mesmos. Na maior parte dos casos, o príncipe responde negativamente.

O antigo rochedo de Mónaco termina a «toilette» para a boda. Os prédios da praça do palácio foram pintados de fresco e alardeiam uma cor amarelo-açafrão, quase uniforme.

No adro da catedral, muito exiguo, instalam-se tribunas de onde 110 jornalistas e fotógrafos poderão assistir á saída do cortejo, depois da cerimónia religiosa do dia 19.

Ontem, Gabriel Ollivier, commissário-geral do Turismo e da Informação do Principado, representou o príncipe, nos Paços do Concelho de San Remo, na cerimónia do baptismo de uma nova variedade de cravos chamada «Princesa Grace», em honra da futura princesa de Mónaco.

A Casa da Imprensa foi ontem inaugurada em Mónaco, com os seus serviços de recepção e onde um exame de empregadas verificará as «credenciais» dos jornalistas estrangeiros.

Surgiram dificuldades quanto á escolha do cabeleireiro a quem será confiada a loira cabelêira da noiva. Um conflito opôs os profissionais franceses e americanos e parece que, finalmente, será um dos primeiros que terá essa honra.

Quanto á prenda do Conselho Nacional, o «Rolls Royce» anunciado, ignora-se ainda se o noivo o aceitou e se, como se projectou, será utilizado no percurso dos noivos através de uma parte do pequeno Principado. — (F. P.).

cas, cujos canos pesam cada um onze toneladas e podem atingir objectivos a cerca de 30 quilómetros, causaram a admiração dos visitantes, especialmente pelas suas avançadas proporções.

No final da visita, os jornalistas foram obsequiados com um bebere.

O novo quartel será inaugurado amanhã, ás 15 horas, com a presença do subsecretário do Exército.

IMPRENSA

«Diário da Manhã»

Completa hoje vinte e cinco anos de existência o nosso prezado colega «Diário da Manhã», que publicou, por esse motivo, um numero especial com brilhante colaboração, em que se faz a história das diversas fases da sua existência.

Ao seu ilustre director, sr. dr. José Manuel da Costa, e a todos os seus colaboradores, enviamos as nossas felicitações, pela data festiva que hoje comemoram.

NICA ALEMÃ

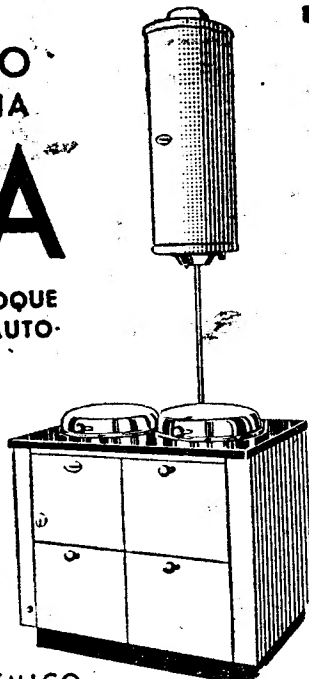
G

o e utilização de IDADE

FOGÃO
DE COZINHA

AGA

A CARVÃO DE COQUE
DE "CONTRÔLE" AUTO-
MÁTICO



MAIS ECONÓMICO
DO QUE QUALQUER
OUTRO TIPO DE FOGÃO

REPRESENTANTES

VENDOR
LIMITADA

TRAVESSA DA GLÓRIA, 19 • LISBOA • TELEFONES: 2 4501 - 2 4551

MINTEX

CINTAS para TRAVÕES

Discos para embraiagens

EQUIPAMENTO ORIGINAL DA
MAIORIA DOS CARROS INGLESES

TRAVAGEM RÁPIDA MAS SUAVE

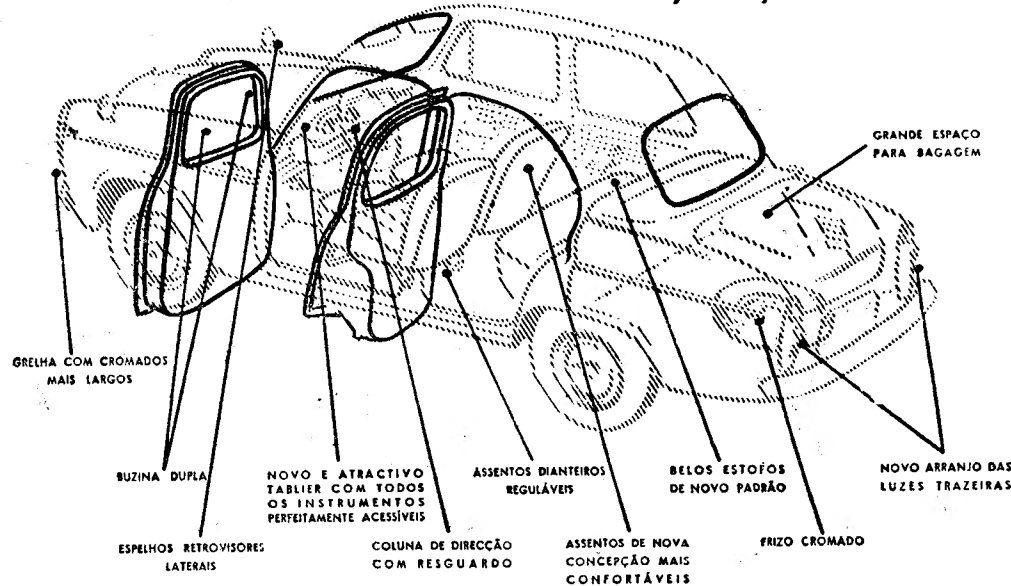
AUTO-LUSITANIA

AV. da LIBERDADE 73 A 79 • LISBOA



VEJA... OS NOVOS ANGLIA E PREFECT De Luxe

Apoiados pelo Serviço Ford



- POTENTE MOTOR DE 1,2 LITROS
- SUSPENSÃO INDEPENDENTE À FRENTE
- AMORTECEDORES HIDRÁULICOS TELESCÓPICOS DE ACÇÃO DUPLA
- TRAVÕES HIDRÁULICOS DE GRANDE EFICIÊNCIA

A Ford Lusitana e os seus Concessionários em todo o país põem ao seu dispor para demonstração, sem compromisso, carros dos novos modelos Anglia e Prefect De Luxe.

Caminhos de ferro

Carruagem directa mista de 1.^a e 3.^a classes entre LISBOA e CORUNHA

Desde 1 de Abril próximo, cessa a circulação da carruagem directa PORTO-CORUNHA. Em seu lugar é estabelecida a circulação de uma carruagem directa LISBOA-CORUNHA, a efectuar apenas durante o período da hora de Verão e com o seguinte horário:

IDA		VOLTA
8-37	Lisboa-S. Apolónia	23-35
13-30	Campanhã	18-32
13-56		18-14
16-28	Valença	14-41
16-40		14-10
18-05	Vigo	12-45
19-15		12-15
23-30	Corunha	8-00

Esta carruagem destina-se aos passageiros de serviço internacional, sendo as formalidades de Polícia e Alfandega efectuadas em trânsito.

Pode, no entanto, ser utilizada por passageiros de serviço nacional, desde que haja lugares disponíveis.

No sentido Lisboa-Corunha:—em 1.^a classe, pelos passageiros destinados às estações de paragem situadas além de Campanhã até Caminha.

No sentido Corunha-Lisboa:—em 1.^a e 3.^a classes, pelos passageiros procedentes das estações desde Caminha e destinados às estações de paragem situadas desde Pampilhosa até Lisboa (Santa Apolónia).

O público pode consultar os Avisos afixados nas estações e obter esclarecimentos nas Secções de Informações da C. P.



40 anos?

...não é possível!

As senhoras que, há anos, utilizam regularmente o Creme Tokalon, escutam muitas vezes esta exclamação, porque não temem revelar a sua idade às amigas. Com efeito, em inúmeros casos por todo o mundo, constata-se que o Creme Tokalon, não só embeleza a pele, mas lhe conserva a vitalidade e a juventude. O Creme de noite Tokalon, é o único creme de beleza que contém Biocel, substância activa que elimina as rugas e reforça a pele de maneira duradoura. O Creme de dia Tokalon (não gorduroso ou meio gorduroso) elimina as pequenas impurezas, aperta os poros dilatados e torna a pele doce, fresca e aveludada.

Por outro lado contribui notavelmente para a fixação do pó de arroz.

Vinhos de Pinhel

Garrações-Garrafas
Pedidos pelo tel. 42710

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se em CASTELO BRANCO, na casa António de Sá Rodrigues.

T. S. F.

Cuide do seu receptor

Substitua todas as válvulas e peças cansadas por novas de origem

Orçamento grátis

COSTA & BRITO, Lda.
RUA DA CONCEIÇÃO, 35 T. LISBOA - TEL. 24253

COMPANHIA



COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE AFRICA

«UIGE»

25 DE ABRIL

«BENGUELA»

5 DE MAIO

«IMPÉRIO»

9 DE MAIO

«LUANDA»

19 DE MAIO

Com escala prévia por Leixões, para: Las Palmas, Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa de 18 a 20 de Abril.

Com escala por Leixões, para: S. Tomé, (quando necessário), Luanda, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.

Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Capetown, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Com escala por Leixões, para: Cabinda, Santo António do Zaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.

Chama-se a atenção dos srs. Passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ»

23 DE ABRIL

24 DE MAIO

Com escala por Vigo e Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.

Com escala por Vigo e Funchal, para: Las Palmas, S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»

10 DE ABRIL

11 DE MAIO

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao e Havana.

Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao e Havana.

LISBOA—Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131/8
PORTO—Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

Ronda nocturna pelos caminhos de Monsanto

(Continuação da página central)

diz ele, era o «Miss-boy». Correu meio Mundo. Fala de portos do Oriente, da Austrália, dos mares do Sul. Viveu quinze anos na Inglaterra, desde muito novo e foi para o mar aos 14. Aos 23, logo depois da guerra rebentar, quando trabalhava a bordo de um transporte de tropas inglês, veio para Portugal. Alistou-se em lanceiros. Combateu em África. Ferido pelos estilhaços de uma granada alemã, foi atirado dez meses para o hospital, entre a vida e a morte.

As cicatrizes—o sonho

César hesita, faz esforços desesperados para se recordar. As mãos revolvem os cabelos.

—Quer ver, quer ver?—interroga rousamente. Ergue a camisa remendada. O dorso aparece vincado por cicatrizes fundas. Pem uma moça quase no centro das costas. Ele aponta:

—Desconfio que ainda p'raí anda um bocado daquela granada malvada. Doi-me quando está frio. Sente-se satisfeito por ter uma oportunidade de se fazer ouvir, de contar a sua espantosa história.

—Quer ver, quer ver? Enterra dois dedos entre as costelas do lado esquerdo, soltando uma gargalhada. O ar escapa-se-lhe num silvo pela garganta. Os dedos grossos quase cabem lá dentro.

—Não tenho costelas aqui, não senhor. A granada...

Fica-se a repetir a «habilidade», rindo.

—Aqueles tipos na doca não acreditam que eu andasse na guerra. Pois servi em África com o capitão Gonçalves, sim, senhor.

Nos braços e no peito surgem as tatuagens feitas há quarenta anos. Nomes, datas, misteriosos símbolos de marinheiros, figuras exóticas saídas da imaginação de um taturado dos «bas-fonds» de Singapura ou de Sidney. A epiderme fresca e rosada do jovem fogueteiro de «tróia» está agora amarelada e rugosa como pergaminho. As tatuagens morrem lentamente com o corpo, somem-se em pregas e ganham contornos estranhos de um tom azulado esbatido, sem a almofada dos músculos rijos e são, queimados na fornalha do porão e na fogueira da batalha.

—Sim, senhor. Vim depois para França em 1917. Andei pela Flandres, arrastei-me pelas trincheiras, pelo arame farpado. E lembro-me dos gases, oh, se me lembro!

Sai-lhe uma imprecação surda da garganta. O soldado, com a lampada, ilumina a cena, fazendo dançar as sombras nas paredes.

E, então, dá-se um episódio estranho. O homem começa a balbu-

ciar, os olhos fechados. Parece um sonambulo. Ouvem-se apenas palavras soltas:

—O sonho... o sonho... avançar... matar...

O soldado põe-se direito, arregala os olhos. O outro parece em transe e continua a salmodiar:

—O sonho... e todas as noites! Avançar, matar, avançar, matar, matar! Termina com um grito.

—Lembra-se da guerra, sr. César?

Ele abre os olhos, admirado.

—A guerra? A guerra? não me fale nisso! All right? Go away, I want sleep.

—Fala inglês?!...

—Claro que falo inglês. Não estive lá quinze anos? I speak English, yes sir, I speak English! Ya, ya, I understand you. See?...

O quadro de Rosseau

O olhar vidrado pousa sobre nós quase sem nos ver. Faz um esforço. Aproxima o rosto.

—Fique sabendo que a guerra é uma coisa má. Eu, que andei lá, sei muito bem. Fiquese com esta!

Saimos. Os outros esperam-nos cá fora. Metemo-nos por entre a vegetação para procurar outra zona de barracas. Serpenteamos caminhos que só os soldados da ronda conhecem. Muito longe, avista-se a aurora boreal das luzes da cidade. Os arbustos molhados fustigam-nos as pernas. Aproximamo-nos de um casinhoto baixo mas de uma brancura imaculada de cal fresca. A porta está aberta e uma claridade suave sai do interior. Por cima da porta, tal como já viramos noutras barracas, há um quadrozinho de um «pintor do domingo».

É uma paisagem exótica, pintada a óleo por mão tosa. Há palmeiras romanticamente inclinadas ao sabor de uma brisa, um rio muito azul, de mancha única e pesada, no qual voga, de velas enfunadas, um barco do Nilo. No céu voam bandos de aves e correm diáfanas nuvens brancas no poente avermelhado. Parece um Rosseau, ingénio e poético, ali sobre o pórtico.

Uma rapariga ainda nova olha-nos da porta baixa (que tem cerca de um metro de altura) com curiosidade. Com um sorriso cumprimenta os soldados. Lá dentro, sentado num caixote, um homem jovem come com o prato na mão e oferece. Ao lado, num colchão largo, com roupa remendada mas limpa, três crianças dormem, os cabelos negros e encaracolados espreitando pela coberta. Do outro, sobre prateleiras de pinho, está montada a cozinha. Tudo de um afeito irrepreensível. O interior também está caído de branco e o chão térreo, batido, há esteiras de palha. O casal tem um ar confiante. Ele é estivador. Chegou há pouco do trabalho. Quando o arranja tira 56 escudos por dia, com horas extraordinárias. Ela lava roupa e faz outros trabalhos.

O casinhoto é pequeno—mal cabem lá todos. Mas tem um ar seguro. Construído em pedra, tem todas as frestas tapadas com argamassa. O telhado é de bocados de folha de Flandres e assenta em ripas de madeira.

O José Joaquim e a Celeste dão-se bem. Gostam dos filhos e do trabalho, são jovens ainda e o pão para a boca, pelo menos, não lhes tem faltado. Os alimentos que ele mastiga vagarosamente, se não são farras, pelo menos, satisfazem.

—Se gostava de viver noutra casa?—pergunta a Celeste, respondendo-nos. Se gostava! Eu cá por mim não me importava. E' só por causa dos meninos. Isto aqui não é vida e eles têm que começar a ir para a escola. Mas quem está aqui pode mandar as crianças aprender?

Passa as mãos sobre o avental limpo, olha á sua volta.

—Trabalhamos muito para eles terem de vestir e comer. Mas temos que dormir os cinco naquele colchão, veja.

—Vocês têm tudo muito asseado...

O sonho de um casal

A Celeste córa:

—Lá isso é pequena mas asseada.

Fica envaidecida no seu brio de dona de casa. O José Joaquim

sorri. E' forte, entroncado, queimado pelo sol.

Interrompe:

—E' tudo muito bonito, mas quem se «lixar» sou eu. Pára de comer, limpa a boca com a mão, bebe um gole de vinho para empurrar:

—Isto que o senhor vê aqui (e aponta para as paredes) tem de ser refeição duas ou três vezes por ano. Sim, senhor.

Mete outra garfada á boca e faz um silêncio enquanto mastiga fitando a comida do prato.

Levanta os olhos espertos para nós:

—Não sabe?—diz, como a concluir a frase.—Pois é. Vem aí a Polícia da Camara. Diz que não pode haver barracas. Deixam um aviso e, no dia seguinte, deitam isto abaixo. São bons homens, coitados. Têm de cumprir a lei. Mas nós é que nos tramamos: vá de fazer a casa outra vez, tapar os buracos, gai-la de novo. Até parece um jogo das escondidas!

Mete nova garfada á boca. A Celeste aproveita a ocasião:

—Os senhores é que podiam arranjar que não nos fizessem isso! Temos tanto trabalho em pôr tudo em pé e dali a uns meses—záz!—deitam tudo abaixo. Eles são tão boa gente, coitados, que até me dizem: «O sr. Celeste, amanhã cá estamos. Tratem de retirar o material que querem aproveitar, levem os tarcos. Vimos deitar isto abaixo».

Com um sorriso amarelo, a Celeste acrescenta:

—Pomos ali ao lado, tudo. As folhas do telhado, as coisas da casa. Eles chegam, empurram as paredes para dentro, para não se perderem pedras. A's vezes ficam a conversar um bocado com a gente e ainda vão ali a meio do caminho já estamos a pôr as paredes em pé. Tem de ser assim!

—Tem de ser assim, não!—diz o homem arrumando o prato. Enquanto não se arranjassem casas para todos, bem podiam deixar ficar isto de pé.

A lógica do estivador é irrefutável. Uma revisão provisória da postura camarária que proíbe a existência de barracas (e é fundamental que elas não existam) até o problema do alojamento desta gente estar resolvido—como o actual interesse que se suscitou pelo assunto faz prever—acabaria com esta rigidez do jogo da destruição periódica das barracas. Sem possuir nenhuma condição para habitação, elas são, no entanto, o abrigo circunstancial de 28 mil pessoas, segundo um deputado anunciou na Assembleia Nacional. Basta, para «sacrifício destes milhares de homens, viver nestas condições. E se é legítimo que funcione um regulamento que proíbe a existência de barracas, muito mais premente se torna a criação das condições que não deem azo a elas serem construídas ou existirem.

Deixámos o casal. Mas, antes, ainda lhe quisemos perguntar a razão da existência do pequeno quadro a óleo sobre a porta. O homem sorri, embaraçado:

—Foi uma extravagância. Comprei isso a um homenzinho na Rocha. Gostei do quadro. Nunca tinha tido nenhum. Custou-me quarenta escudos... Sabe-me bem ver aquela terra desconhecida, aquele barquinho... Deve fazer calor, lá. E' na África, disse-me o pintor...

Mira o quadro, endireita-o, põe a mão no ombro da mulher que, com um sorriso de reprimenda, encostando-lhe a cabeça ao ombro forte, diz:

—Bem se vê que não tens em que gastar o dinheiro, meu patife. E ele dá-lhe uma palmada, entram em casa e ficam-se a rir alto.

Frederik Mayer

—nacionalidade hungara

Perto da meia-noite tínhamos percorrido já mais de uma dúzia de farras. Em muitas, limitávamo-nos a espreitar para o interior. Aqui, uma família, num buraco oblíquo, a cerca de dois metros de profundidade, anichando-se lá no fundo uns contra os outros, procurando o calor dos corpos. Um quadro comovente: cinco crianças numa cama, o casal dormindo ao lado, no chão,

enrolado numa coberta.

Noutra barraca surge-nos uma personagem estranha: um Hungaro que aqui vive há catorze anos. O seu rostozinho astuto e encarquilhado espreita por uma fresta quando as lampadas o descobrem.

Abre a porta e, no seu português de farrapos, vai respondendo ás perguntas. Arrasta os «rrr» que vibram guturalmente:

—Sim, estarr aqui catorze anos. Como chamo? Frederik. Frederik Mayer.

Escreve, rapidamente, o nome no papel que lhe estendemos. Diz que a sua terra é Sopren. Tem 65 anos. Também foi marítimo e andou num barco inglês, o «Sidmouth».

Fez a guerra de 14 e voltou a embarcar. Conhece a Inglaterra, a Holanda, a Itália, muitos portos da América. E' reticente e tem um ar de certa distinção. Muito magro e alto, consulta, no meio da conversa, um enorme relógio enfiado num dos bolsos do colete sebento e franze a sobrancelha basta e enbranquecida.

—Como fiquei cá? Bem, eu andava a bordo e adoei aqui em Lisboa. Estive muito tempo no hospital e depois resolvi ficar... Não, não quero voltar. Não tenho lá ninguém.

A barraca está precariamente construída. Tábuas e folhas de lata amontoam-se um pouco desordenadamente e lá dentro, o Hungaro, tem de andar curvado. Apanha papel, vive de uns biscoitos e vê-se que não está paas conversas.

Um dos soldados, que se afastara de nós, regressa. Os movimentos de um grupo despertaram-lhe suspeitas.

—Hoje é diferente... Mas um dia destes cá estou caído. Há por aí uns «meninos» que têm a mania de ter facas... Quando a gente aparece, é um sumiço que lhes dão.

O Hungaro, já a fechar a porta, esclarece:

—A ultima vez que estive no meu país foi em 1922. Não me interessa voltar.

O soldado ainda está desconfiado. Deita uma olhadela para um grupo que se afasta, interroga uma mulher:

—Quase todos são gente sossegada—diz-nos. Nunca dão trabalho. Mas aparecem também por aí uns malandrim que são capazes de tudo. Andam com a naifa escondida no bolso e dão-nos um trabalhão.

Entrámos numa fumaça maior já no caminho do regresso. E' uma espécie de pequena caverna dividida naturalmente por uma parede que se vai desgastando pela erosão. No interior estão quinze homens. Dormem sobre esteiras e alguns deles são limpa-chaminés. Ainda têm o rosto e as mãos sujos pela fuligem. Estão mergulhados num sono pesado. A porta arde uma fogueira onde um homem se aquece. Olha-nos com indiferença, mete a cabeça entre as mãos e fica silencioso.

Zero horas

No fundo, sobre um catre, encontramos outro combatente da Grande Guerra. Serviu na 1.ª Bateria de Morteiros Ligeiros. Chama-se Camilo Sabino e tem 61 anos. Apanhou uma bala numa perna, onde tem uma funda cicatriz. Terminada a guerra, andou por Espanha a trabalhar e, agora, está para ali, doente, sózinho. Saimos com cuidado para não pisar os corpos adormecidos. O ar é pesado. O homem da porta continua a pensar, agarrado á cabeça. O ar, cá fora, é frio mas respira-se.

Regressámos. A cidade, distante, parece irradiar calor, com as luzes que acompanham o perfil das colinas. Quase um milhão de pessoas repousam agora. Voltámos com a sensação estranha de ter percorrido um mundo irreai. A noite está pesada de mistério, de silêncios onde os ruídos do sono, quando passamos, de volta, perante as farras, penetram, quebrando-o por breves instantes. São gemidos, revolver de corpos, uma imprecação saída de um sonho.

A cidade abre-se á nossa frente, acolhedora. Saídos das trevas da serra as luzes ofuscam-nos, agora. E' meia-noite.

(Texto de Eurico da Costa. Fotografias de Denis Salgado).

A terceira década de Março foi fatal para muitas culturas

Segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», a influência do tempo nas culturas, na terceira década do passado mês de Março, pode resumir-se assim em todo o Continente:

«De uma maneira geral, as condições do tempo verificadas durante a década e em especial a precipitação abundante que se registou, têm sido prejudiciais ás diversas culturas em curso.

Em muitas regiões e nomeadamente nos vales do Douro, do Mondego e do Tejo, com especial relevo para este ultimo, a precipitação caída associada ao degelo tem causado grandes inundações que danificaram quase por completo todas as culturas, algumas das quais não têm possibilidade de qualquer recuperação.

Os trabalhos agrícolas próprios da época encontram-se paralisados em quase todas as regiões devido ás condições adversas do tempo; no entanto, nas regiões menos afectadas por essas condições de tempo tem-se procedido a trabalhos de campo, sempre que possível».

Carreiras diárias da «Lufthansa» Lisboa-Alemanha

O director dos serviços de Imprensa da «Lufthansa», von Studnitz, que se encontra em férias no nosso País, ofereceu, ontem, á tarde, no Avis, um «cocktail» aos representantes dos diários da capital.

O sr. von Studnitz, em inglês, elogiou o nosso País, destacando o serviço hoteleiro, a abundância dos produtos e os encantos da nossa paisagem, elementos esses, afirmou, que podem estabelecer uma intensa corrente de turismo entre a Alemanha e Portugal. Disse depois que a «Lufthansa» espera dentro em breve duplicar os seus aparelhos em serviço. Adquiriu já para esse efeito 9 «Viscounts» e quatro «Super Constelations». As suas linhas aéreas vão estender-se até ao próximo, médio Oriente e América do Sul.

Em 1960 a «Lufthansa» terá aviões de jacto em serviço. Dentro de um ano a carreira Hamburgo-Colónia-Francfort-Lisboa, agora bi-semanal, passará a ser diária. Assistiram ao acto, além dos representantes da Imprensa, o delegado alemão de turismo em Portugal e o sr. Jorge Romão, da «Lufthansa», bem como outras individualidades.



Dana
PARIS

Apresenta em frasco individual com a capacidade de 20 grs. os seus aromas clássicos:

TABU * EMIR * KALI
PLATINE * PULLMAN
CANOE * 20 CARATS
BOLERO * LAVANDE
CUIR DU CANADA

PREÇO 10\$00

NÃO HÁ **RIOPLEX** SEM MARCA **RIOPLEX** NA OURELA

BINACA

Pasta e Elixir Dentífricos Modernos



Hertig

UM AMIGO CERTO

VISITE A



FEIRA DE PARIS

5 a 21 de Maio

A maior concentração
da indústria mundial
**FACILIDADES
AOS VISITANTES**
INFORMAÇÕES

 Consulado da França
PORTO

 Rua Victor Cordon, 12
LISBOA

Transportes Aéreos Portugueses

 Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada
Capital realizado 120.000.000\$000
Sede: Rua Braamcamp, 2 — Lisboa

Aos senhores accionistas não presentes na Assembleia Geral Ordinária, reunida em 27 do corrente, na sede da Associação Industrial Portuguesa, Avenida da Liberdade, 212, Lisboa, se comunica, nos termos e para os efeitos da última parte do § unico do art. 181.º do Código Comercial, que, na mesma Assembleia Geral, foi eleito vogal do Conselho Fiscal o Sr. Eng. Gaspar Queirós Ribeiro Vaz Pinto, em substituição do Sr. Dr. Jorge Felner da Costa, que renunciou ao mandato.

 Lisboa, 28 de Março de 1956.
O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral
António de Medeiros e Almeida

PIANOS

 Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE

 Est. Valentin de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

 O «Diário de Lisboa» vende-se
em VILA VIÇOSA na casa Joaquim
F. Soeiro Torrinha.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Sociedade Geral

Para: S. VICENTE, PRAIA e BISSAU

 N/M «ALFREDO DA SILVA», em 10/4/956
(VIA LEIXOES)

 Carrega para Bissau em 6 e para C. Verde em 7 de Abril
Carga Frigorífica no dia 9 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

N/M «ANA MAFALDA» em 25/4/956

(VIA LEIXOES e FUNCHAL)

 Carrega para Bissau em 21 e para C. Verde em 23 de Abril
Carga Frigorífica no dia 24 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

 Para: CABINDA, SAZAIRE, LUANDA,
P. AMBOIM, N. REDONDO, LOBITO e
MOÇAMÉDES

N/M «ANDULO» em 14/4/956

 Carrega em Leixões em 10 e 11 e em Lisboa de 12 a 14 de Abril
Carga frigorífica no dia 14 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª classe

 Para: LUANDA, LOBITO e MOÇAME-
DES

N/M «RITA MARIA», em 7/5/956

 Carrega em Lisboa nos dias 2, 3 e 4 de Maio
Carga Frigorífica no dia 5 até às 12 horas
Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes

 Para: MATADI, LUANDA, LOBITO
e MOÇAMÉDES

A' carga em Hamburgo, Bremen e Anvers

N/M «ARRAIOLOS»

 De 2 a 16 de Abril e em Lisboa, somente para Matadi, no dia
23 de Abril

N/M «BRAGA»

 De 23 de Abril a 3 de Maio e em Lisboa, somente para Matadi,
no dia 9 de Maio

UM NAVIO

 De 14 a 24 de Maio e em Lisboa, somente para Matadi,
no dia 30 de Maio

N/M «BRAGANÇA»

 De 4 a 14 de Junho e em Lisboa, somente para Matadi, no dia
20 de Junho

 Todos estes navios recebem em Lisboa passageiros de 1.ª classe
para Matadi

 Para: ANVERS, ROTERDÃO (Se con-
vier), BREMEN e HAMBURGO

A' CARGA NOS PORTOS DE ANGOLA

N/M «ALENQUER»

De 14 a 30 de Abril

N/M «BRAGANÇA»

De 19 de Abril a 5 de Maio

N/M «ARRAIOLOS»

De 6 a 23 de Maio

N/M «BRAGA»

De 27 de Maio a 13 de Junho

 Chamamos a atenção dos Senhores passageiros para as disposições
em vigor acerca do transporte de bagagens.

TRATAR EM:

LISBOA — Rua do Comércio, 39 — Tel. 26314/5

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 82 — Tel. 27363



LAURO

PAQUETE ITALIANO

«ROMA»

PARA

 HALIFAX (CANADA) e NEW YORK
EM 10 DE ABRIL
E 9 DE MAIO

 recebendo passageiros em 1.ª classe e turística
Trate com o seu Agente de Viagens ou com

 Os Agentes Gerais:
J. VASCONCELOS, LDA.

 LISBOA: Praça Duque da Terceira, 24 — Telef. 31924-5-6-7
PORTO: Rua Infante D. Henrique, 73 — Telef. 23568

DESPORTOS

A selecção nacional

que jogará com o Brasil
treinou hoje com o Benfica

A selecção nacional voltou hoje ao Jambor para efectuar uma sessão de treino com o Benfica, que teve a duração aproximada de sessenta minutos.

Inicialmente foi esta a formação das duas equipas:

SELECÇÃO NACIONAL — Carlos Gomes; Virgílio, Passos e Angelo; Pedroto e Juca; Matateu, Vasques, Aguas, Travaços e Martins.

BENFICA — Costa Pereira; Jacinto, Artur e Naldo; Caiado e Alfredo; Morais, Palmeiro, Garrido, Pegado e Cavem.

O treinador Augusto Silva dirigiu o treino e o seleccionador nacional, bem como Otto Glória, intervieram com frequência para dar indicações.

Candido Tavares ministrou, an-

tes, alguns exercícios de aquecimento aos jogadores.

O Benfica marcou em primeiro lugar, por intermédio do Cavem, que aproveitou, ainda que de posição de «fora de jogo», um bom centro de Morais.

Vasques teve um bom remate, mas Costa Pereira correspondeu com grande defesa. Todavia, no lance seguinte, Matateu, de posição frontal, conseguiu marcar o primeiro golo da selecção.

Às 18 minutos, Garrido fez 2-1. Depois, em dois minutos, cada equipa marcou mais um golo, o da selecção por Aguas e o do Benfica por Palmeiro.

A primeira parte, que teve a duração de 30 minutos, terminou com o Benfica a ganhar por 3-2.

Para a segunda parte, Fernando Caiado entrou para o lugar de Pedroto, Dimas substituiu Matateu e Palmeiro ocupou também o lugar de Martins.

Na equipa do Benfica Vaz substituiu Caiado e o lugar de Palmeiro foi ocupado por Chipenda.

Posteriormente, Mário João entrou a substituir Chipenda, que, por sua vez, também foi substituído por Fialho.

Aguas, com um bonito golpe de cabeça estabeleceu a igualdade (3-3), mas o Benfica voltou imediatamente ao comando do marcador, com um golo que foi marcado por Cavem e Garrido, porque ambos saltaram à bola de cabeça e ambos tocaram nela.

No fim da sessão, Fernando Caiado transformou um livre por carga de Artur sobre Aguas, estabelecendo a igualdade (4-4) com que terminou a sessão.

O Benfica procurou servir a finalidade da sessão, jogando como se espera que joguem os Brasileiros, isto é, com a bola no chão e em passes curtos. No entanto, como se tratava de equipas de forças niveladas, pôde dizer-se que se jogou mais do que se treinou.

A defesa da selecção, em especial na segunda parte, mostrou-se mais segura, mas a ligação entre médios e avançados mostrou-se algo deficiente.

Assistiram ao treino os jornalistas brasileiros que se anteciparam à equipa e chegaram a Lisboa nos últimos dias.

AUTOMOBILISMO

Novos modelos de carros
alemães

No «stand» da Socauto, Avenida Duque de Loulé, 77-A, estão desde ontem em exposição dois novos modelos de automóveis, da marca NSU — Fiat, fabricados na Alemanha.

Trata-se de dois carros utilitários, de linhas sóbrias, mas elegantes, de mecânica simples e forte, com todas as características das máquinas alemãs.

O modelo Neckar, de quatro lugares, que se assemelha ao já conhecido Fiat 1100 de origem italiana, é um carro rápido, cómodo e seguro, com a vantagem de consumir apenas oito litros aos cem quilómetros.

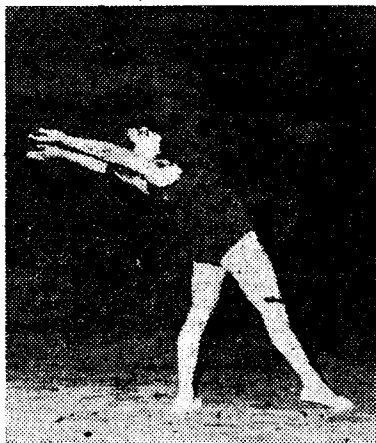
O modelo Neckar, de quatro lugares, em dois tipos — convertível e conduíte — pode atingir velocidades de 140 quilómetros horários, com um gasto reduzido de oito litros e meio aos cem quilómetros.

Estes novos modelos despertaram grande curiosidade nos meios automobilísticos lisboetas, pelo que numeroso publico acorreu, ontem, à Sociedade Commercial de Automóveis, onde ficaram expostos durante alguns dias.

MOTORISMO

A volta ao Mundo
em «scooter»

Está para muito breve a partida de dois portugueses que tentarão dar a Volta ao Mundo em «scooter». Apenas volta ao Mundo em «scooter». Apenas seu entusiasmo à preparação da viagem, será substituído por Gaspar Correia da Costa, Vitruvio Santos foi obrigado a desistir por motivos de saúde. Os empreendedores desta viagem esperam partir durante todo o mês corrente.



Madeline Mady-Chel, a elegancia e a graciosidade personificadas, esteve extraordinária nos seus movimentos livres, de que vemos uma interessante passagem



Também a franco-italiana Marie-Therese Lorenzi se evidenciou pela alta harmonia dos exercícios. Ei-la num elegante salto do seu esquema livre

PRIMO FERREIRA

na Maratona do Nilo

CAIRO, 4.—Primo Ferreira confia em que conquistará o Nilo na maratona deste ano, tendo declarado à United Press: «Estou certo de que poderei completar o percurso, este ano, porque me sinto em muito boa forma».

Depois da sua longa viagem, Primo Ferreira decidiu descansar hoje e não se treinar. Pensa fazer alguns treinos amanhã, na piscina da ilha de Gezira, em preparação para a corrida de 57 quilómetros, que se realiza na quinta e sexta-feira. — (A. N. I.).

TÉNIS DE MESA

Os Campeonatos Mundiais

TÓQUIO, 4.—Os resultados das últimas jornadas dos campeonatos mundiais de ténis de mesa foram os seguintes:

«Taça Swaythling» (prova masculina): Inglaterra, 5-Est. Unidos, 1; Checoslováquia, 5-Vietnam do Sul, 2; Japão, 5-Alemanha Ocidental, 0; Singapura, 5-Austrália, 2; Roménia, 5-Suécia, 1.

«Taça Corbillion» (prova feminina): China, 3-Hong Kong, 0; Estados Unidos, 3-Índia, 2; Japão, 3-Coreia do Sul, 0; Coreia do Sul, 3-Hong Kong, 1; Inglaterra, 3-Índia, 0. — (R. e F. P.).

Luta Livre

ABREM AMANHÃ AS BILHETEIRAS PARA A SESSÃO DE 6.ª FEIRA

A «Bombbox» promove na próxima sexta-feira, no Estádio Internacional, mais uma grande sessão de luta livre a contar para o Cinturão de Lisboa. O programa é constituído pelos seguintes combates: José Luís contra Ben Bucker Saludes Sureda Carlos Rocha » Febrer Grelha » Kid Fair

As bilheteiras do Parque Mayer abrem amanhã, às 11 horas. As primeiras 50 pessoas, que ali comparecerem serão contempladas, como de costume, com outros tantos bilhetes oferecidos pelo lutador português José Luís.

GINÁSTICA

O sarau luso-francês:

- * excelente vitória de Dália Sammer
- * inferioridade global do Lisboa Ginásio

Por iniciativa do sempre pródigo Lisboa Ginásio Clube, a ginástica portuguesa foi ontem sobremaneira beneficiada com um acontecimento infelizmente raro entre nós. Em encontro retribuição, a equipa feminina representante do Indépendante Stéphanoise, de Saint-Etienne, deslocou-se a Lisboa para defrontar a do Lisboa Ginásio Clube, no Pavilhão dos Desportos, tendo-se apresentado as duas formações com Colette Mazon, Suzanne Chabannes, Madeleine Mady-Chel e Marie-Th. Lorenzi, sob a direcção de m.^l Berland, as francesas; Dália Cunha Sammer, Ermelinda Pinto, Gabriela Barroco e Isolda Simples, dirigidas pelo prof. Josef Sammer, as portuguesas.

O concurso principiou pela prova de movimentos livres, e desde o primeiro exercício foi notória a diferença entre as técnicas das ginastas dos dois países: as francesas, mais leves, elegantes, movimentos rápidos, passagens de dança curiosas e, sobretudo, correcção quase inextinguível; as portuguesas, com exercícios excessivamente marcados, inseguras na maioria, por lançamento a passagens para que se encontram insuficientemente aptas, lentas, de menor correcção e graciosidade. Este desnível acentuado prolongou-se, como esperávamos, até ao fim das quatro provas, embora na trave olímpica as nossas visitantes não se mostrassem, de um modo geral, tão perfeitas como em movimentos livres, paralelas assimétricas e saltos.

A inferioridade global lusa distinguia-se demasiadamente perante uma magnífica equipa, é certo, mas uma equipa igual a muitas que a França possui, e os Galeses estão muito distantes das mais altas classificações da ginástica mundial. Não se pense que é sómente o caso do Lisboa Ginásio, que ficou a 15 pontos de diferença: o melhor conjunto português feminino ficaria, pelos menos, a 9 ou 10 pontos.

Não sejamos severos, bastando colocarmos o pensamento nas realidades e deixando-nos de comparações irrisórias com um centro dos mais antigos e experimentados da ginástica internacional, possuidor de milhares de praticantes, onde a modalidade se pratica nas escolas, como sistema básico da Educação Física, onde os clubes são as centenas e as autoridades protegem o seu desenvolvimento. Além de, em Portugal, a ginástica desportiva (ou aplicada) ser uma modalidade jovem—sobretudo a feminina—todas as vantagens que aos outros não sobejam, por cá, incompreensivelmente rareiam...

Não é de desalentar, todavia. E os praticantes, felizmente sempre mais numerosos, são e serão sempre a mais sólida garantia da continuidade do progresso. O que é necessário é que lições como as destas gentis, simpáticas e valorosas raparigas francesas sejam assimiladas e exploradas no mais lato sentido, porque a matéria-prima, um tanto inculta e abandonada, embora não abunde, também não falta. E o exemplo mais flagrante é o da nossa campeã absoluta, Dália da Cunha e Sammer, autêntico valor de categoria internacional, um caso à parte entre nós, que ainda ontem foi a vencedora do encontro, superando ginastas de maior experiência e contacto internacional e de créditos firmados como primeiras figuras do seu país: Chabannes, poderosa e completíssima; Mady-Chel, de progresso extraordinário e, para nós, a de melhor futuro (o seu exercício de paralelas foi

enorme!); Lorenzi e Mazon, esta última inferiorizada por doença.

Não desejamos fechar estas portas sem nos referirmos à actuação do corpo do júri, que teve várias falhas, algumas com influência nas classificações. O critério usado nem sempre foi uniforme, e as pontuações da trave, estranhas, e dos saltos, demasiado altas, ressentiram-se dessa anomalia.

As classificações registadas foram as seguintes:

Movimentos livres: 1.ª, Dália Sammer, 9,5; 2.ª, Suz. Chabannes, 9,33; 3.ª, Mady-Chel, 9,25. **Trave olímpica:** 1.ª, Dália Sammer, 9,55; 2.ª, Chabannes, 9,5; 3.ª, Lorenzi, 9,2. **Paralelas assimétricas:** 1.ª, Mady-Chel, 9,6; 2.ª, Dália Sammer e Chabannes, 9,55. **Salto no cavalo:** 1.ª, Chabannes, 9,8; 2.ª, Mady-Chel, 9,7; 3.ª, Dália Sammer, 9,65.

Individual (conjunto): 1.ª, Dália Cunha Sammer (Lisboa Ginásio), 38,25; 2.ª, Suzanne Chabannes (Indépendante Stéphanoise), 38,20; 3.ª, Madeleine Mady-Chel (Ind. Stéph.), 36,45; 4.ª, Marie Thérèse Lorenzi (Ind. Stéph.) 35,7; 5.ª, Colette Mazon (Ind. Stéph.) 35,35; 6.ª, Gabriela Barroco, 32,05; 7.ª, Isolda Simples, 31; 8.ª, Ermelinda Pinto, 28,90 pontos.

Colectiva: 1.ª, Indépendante Stéphanoise, 145,70; 2.ª, Lisboa Ginásio Clube, 130,20.

CÉSAR FAUSTINO

LUTA LIVRE

Noite de estreias

O cartaz da sessão de ontem anunciava três estreias. Daí o interesse do público, que ocorreu em grande numero ao Estádio Internacional do Parque Mayer.

A última hora, porém, o numero de estreias foi reduzido de uma unidade, por impossibilidade de comparecimento do lutador D. Pipas. Mas a falta não foi, todavia, muito notada, pois deu aos apreciadores da luta livre a oportunidade de assistirem à terceira edição do combate Febrer-Kid Fair, dois bons profissionais, sabedores e inteligentes, que sabem imprimir às suas actuações a dose de realismo necessária, sem esquecerem que a luta tem uma série inesgotável de golpes que, aplicados com destreza, podem transformá-la num espectáculo agradável e de grande beleza plástica.

O primeiro combate da noite fez subir ao ringue o melhor e o pior dos lutadores que disputam o Cinturão de Lisboa: respectivamente, Sureda e Carlos Rocha. Faz pena ver este ultimo, oficialmente cotado em boxe como campeão português de pesados, metido em sarilhos para que nunca esteve preparado e tentando improvisar conhecimentos que só se adquirem com a prática.

As duas novidades da noite foram Ben Bucker e Grelha, o primeiro vindo da Argentina, segundo se anuncia, e o segundo recrutado, como Rocha, entre o fraco quadro de «boxeurs» nacionais. Bucker teve ocasião de se mostrar um lutador experimentado, ao vencer Saludes, enquanto Grelha perdeu, ingloriamente, com José Luís.

Para sexta-feira próxima está anunciada uma nova sessão.—V.

Liga dos Combatentes

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra esclarece, por nosso intermédio, de que se pode encarregar-se de funerais de combatentes, para os seus talhões privativos, sem encargos para as respectivas famílias, desde que se encontrem filiados e no uso dos seus direitos associativos.

LUZ FLUORESCENTE



Candeeiros ultra-modernos em cristal, em metal e em plástico para uso Comercial, Industrial e Doméstico. Instalações completas com os incomparáveis produtos Westinghouse e Acme Electric de garantido funcionamento aos melhores preços.

ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA
Praça da Alegria, 44-1.º — TL. 34774 — LISBOA

Café Coruja

RESTAURANTE TÍPICO
CORUCHE — Tel. 114
PRATOS REGIONAIS: Caldeirada à Sorraia ou lampreia à moda do Minho; Lombo de porco no espeto ou lombo de vaca à Coruja.

O sultão em Madrid

(Continuação da 1.ª página)

Espanhois e dos interesses ocidentais — dizem os jornais — em termos quase semelhantes e idênticos.

A folha oficial publica um decreto conferindo o colar da Ordem Imperial do Jugo e das Flechas a Ben Yussef, que, ao sair de Rabat, falou pela Rádio ao seu povo, recordando a prolongada luta pela independência, a necessidade de a merecer agora, com calma e em ordem, e a atitude compreensiva da Espanha, quando a unidade perigou.

Ben Yussef era aguardado no aeroporto pelo generalíssimo Franco, que o abraçou, e por todo o Governo, pelo alto-comissário, general G. de Vialha, e por El Fassi, chefe do Istiqlal, hoje chegado a esta capital.

O soberano foi aclamado por milhares de pessoas em Barajas e, depois, na Castelhana e em todo o percurso até ao palácio da Moncloa. — (Efe).

As negociações

MADRID, 4 — O Governo, sob a presidência do generalíssimo Franco, esteve reunido até à meia-noite, para aprovar a declaração sobre o Marrocos espanhol, que será publicada durante a visita do sultão Ben Yussef.

Espera-se que a declaração incida sobre as negociações, as quais porão termo ao estatuto do Protectorado Espanhol, embora mantendo as relações hispano-marroquinas e permitindo à Espanha que mantenha bases militares no Norte de África.

Portugueses condecorados pelo Governo alemão

Esta tarde, o sr. ministro da Alemanha oferece uma recepção em honra dos concorrentes à Exposição Técnica Alemã. Assiste ao acto, vindo especialmente, o dr. Lupin, de Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bonn. No decorrer da reunião, serão entregues as insígnias da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha aos srs. eng. J. Tavares, dr. Repolho Correia e eng. Belard da Fonseca.

Burro de maus instintos

ia arrancando o braço a uma criança!

SABUGAL, 4. (Pelo telefone). — Quando António Guilhermino Baltasar, de 5 anos, passava próximo de um jumento, foi acometido por este á dentada. Acorreram dezenas de populares que moeram o jumento de pancada, conseguindo um dos presentes meter os dedos nas narinas do furioso animal que só assim largou a presa.

Socorrido pelos médicos locais, verificou-se que o pequeno António sofria dupla fractura exposta do braço e profundos ferimentos, admitindo-se a possibilidade de lhe ser amputado aquele membro.

Oficiais milicianos

demitidos por motivos políticos

O conselho consultivo da Procuradoria-Geral da República votou o seguinte parecer: Os oficiais milicianos que hajam sido demitidos por faltas disciplinares, de carácter político, amnistiadas pela Lei n.º 1144, e posteriormente colocados nos termos do Decreto n.º 15 662, devem ser reintegrados nos postos que ocupavam à data das suas demissões, desde que satisficam às condições expressas no artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 26 636, de 25 de Maio de 1936, e para os efeitos indicados no seu artigo 8.º.

(Continuação da página central)

rudimentos de desenho e de pintura.

Em 1912 regressou à Anadia, sua terra natal, onde se conservou durante longo tempo. Um dia, porém, animado por seu irmão Carlos Sampaio, oficial do Exército, que se encontra, recentemente, em África, o artista partiu para Paris. Ali frequentou, durante três anos, a Academia Julien, recebendo lições do famoso mestre Laurens. Havia-se reencontrado, vencido os seus complexos, dominado as suas anomalias. Apaixonara-se, definitivamente, pela pintura, e uma segunda vida ardente, maravilhosa, começou para ele. Vem a Portugal, numas curtas férias, seguindo de novo para a capital francesa, onde se matriculou na Academia Renard. Outro intervalo para matar saudades, na sua querida Anadia, junto da mãe, a sr.ª D. Maria do Carmo Sampaio e de sua irmã a sr.ª D. Teresa Sampaio, e pela terceira vez abala para Paris. Desta vez frequenta La Chaumière, famosa escola de pintura, onde a sua idiosincrasia plástica mais se afina e requinta, desvendando todos os segredos da luz e das sombras, das atmosferas e das paisagens. E' já um grande artista. Em 1928 e 1929, antes mesmo que o seu País o conheça como pintor, expõe no Salon. Todos os seus quadros são admitidos por unanimidade.

A volta apresenta-se pela primeira vez na antiga galeria Bobone. O seu certame provoca o entusiasmo da crítica e do publico. As suas obras constituem uma nova mensagem estética, vibrante de impressionismo. As 39 telas que figuram na exposição são todas adquiridas. E' das maiores vitórias obtidas por um artista contemporâneo.

Depois, Fausto Sampaio percorre as nossas províncias ultramarinas, recolhendo figuras, paisagens, costumes. Vai a Macau, a Timor, a Goa, a Damão, a Diu, a São Tomé, onde realiza autênticas obras-primas, no mais opulento património plástico do género. Vai mesmo mais longe, à Indochina, a Hong-Kong, a Singapura, às Filipinas, às Índias Neerlandesas. Paisagens nevoadas, velhas ruínas de monumentos, as tancareiras e os sampans de Macau, os palmares do Mandovi, os vermelhos saris flutuantes das luso-indianas, as feeries dos crepúsculos, polvilhados de cinza e ouro, as grandes cachoeiras, as montanhas azuis, trajos bariolados, os caracteres somáticos das mais diversas raças, interiores de templos orientais — tudo isto a pupila sagaz de Fausto Sampaio fixa em telas admiráveis. Só da nossa Índia, trouxe ele, 120 trabalhos, muitos dos quais comprados pelo Estado, com vistas a um futuro museu.

Mas o pintor era um viajante incansável. Mais tarde, foi a Moçambique e à África do Sul, onde recolheu um notável contingente de obras. Chamavam-lhe, com razão, o «pintor dos impérios». Deu-nos, na verdade, a sua visão e a sua grandeza.

Fausto Sampaio faleceu hoje, ao princípio da tarde, vítima de um ataque cardíaco. Contava 63 anos, e era casado com a sr.ª D. Maria José Lares Paulo Sampaio, e deixa três filhos de tenra idade. Realizou inúmeras exposições individuais, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, nas quais obteve, em 1932, menção honrosa, em 1940, a 3.ª medalha, e em 1943, a 2.ª medalha. Estava representado nos museus de Arte Contemporânea, Regional de Aveiro, Machado de Castro, Soares dos Reis, José Malhoa, Vasco da Gama, de Goa e Santos Rocha, da Figueira da Foz.

O ilustre pintor faleceu, em Lisboa, na sua residência Praça de Pasteur, 9, 2.º. O seu corpo foi ao fim da tarde trasladado para a igreja de São João de Deus, donde saí, amanhã, às 16 horas, para a Anadia, em cujo cemitério descansará.

A família enlutada o «Diário de Lisboa» apresenta sentidíssimas condolências.

D. Antonieta de Araujo Bastos Correia

Faleceu a sr.ª D. Antonieta de Araujo Bastos Correia, de 79 anos, natural de Lisboa, viúva do antigo ministro sr. dr. Francisco António Correia e mãe da sr.ª D. Maria Luísa de Assunção Bastos Correia. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, pelas 16 horas, da basílica da Estrela para o seu jazigo no cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

Carol II da Roménia

Por iniciativa da princesa Elena da Roménia e em memória do rei Carol II, efectuou-se, hoje, um serviço religioso na igreja de S. Jorge, á Estrela. Estiveram presentes, entre outras individualidades, os srs. conselheiro Sampaio e Melo, ministro do Chile e esposa; encarregado dos Negócios da Venezuela e esposa; duquesa do Cadaval, drs. José Figueiredo, António Certima, Jaime Azancot e esposa; Madureira e Costa Pinto; Trigueiros de Aragão, Armando Vilar e Luís Trigueiros e esposa; e alguns membros da colónia da Roménia.

D. Maria do Carmo Fragoço Carmona

Por alma da sr.ª D. Maria do Carmo Fragoço Carmona, reza-se missa amanhã, às 11 horas, na igreja de S. João de Deus.

Actriz Teresa Taveira

Assinalando o aniversário da morte da actriz Teresa Taveira, sua família manda rezar amanhã, pelas 11 horas, na igreja das Chagas, missa por sua alma.

Mercados de Lisboa

No próximo dia 12, ás 14 e 30, no Pavilhão dos Desportos, efectua-se uma praça extraordinária, para arrematação de locais de venda a retalho nos mercados do Forno do Tejolo e Xabregas. Esta praça é destinada, exclusivamente, a ocupantes dos mercados, cuja situação não se encontre definida ou não tenha ficado ainda esclarecida nas arrematações anteriores, relativamente aos novos mercados.

Envolveram-se em luta e dois dos desordeiros foram feridos à facada

Os quatro moradores do rés-do-chão do prédio n.º 5 da Azinhaga do Alto Vazão envolveram-se, hoje, em desordem, por motivos ainda desconhecidos. Os desordeiros são José Lopes, de 36 anos, sapateiro; Manuel Adalino Marques, de 35 anos, jornaleiro; Mariana Sofia Castro, de 53 anos; e o marido desta, Joaquim Henriques, que é também sapateiro.

Da desordem resultou saírem feridos os três primeiros, que foram conduzidos ao hospital de S. José, onde se verificou que o José Lopes sofrera uma facada no coração, pelo que teve de ser submetido imediatamente a uma melindrosa operação cirúrgica. O Manuel Marques apresentava, também, uma facada no torax, pelo que ficou internado na sala de observações. Por sua vez, a Mariana apresentava só alguns ferimentos no rosto e nos braços, pelo que foi entregue á Polícia, juntamente com seu marido, que saiu ileso da contenda.

TAUROMAQUIA

Joaquim Marques em Madrid

Para dar ideia da verdade do que aconteceu a Joaquim Marques em Madrid, na confirmação da sua alternativa, transcrevemos da «Hoja del Lunes» parte da crítica de «Don Luis»: «Meia estocada a cada touro não se dirá que não é bastante para quem não está acostumado á sorte de matar. Não é isto uma atenuante, quando há em múltiplas ocasiões tantas agravantes?»

E «Curro Castañares» escreve em «Ya»: «O 1.º touro travava na acometida e Joaquim Marques teve de o trastejar pela cara, em plano defensivo, conseguindo tombá-lo de uma estocada de efeito contundente. Na faina do seu 2.º houve galhardia, e há que dizer que o 1.º pesou em bruto 525 quilos».

2.º aniversário de «Festa»

O semanário touromáquico «Festa» completou o seu 2.º aniversário e vai festejar durante o mês corrente o facto, realmente merecedor de tal, por se não verificar há muitos anos semelhante duração em publicações periódicas da especialidade.

Luís Miguel é pai

PANAMÁ, 4. — A actriz de cinema Lucia Bosé deu á luz um filho, pelo que seu esposo, o matador de touros Luís Miguel Domingum, não tomará talvez parte na corrida em que estava anunciado aqui, no próximo domingo. — (Efe).

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

DOENÇA SUBITA E MORTAL. — Por ter sido acometido de doença subita, foi conduzido ao Hospital de S. José, onde faleceu, o servente de pedreiro Joaquim Esteves Castanheira, de 35 anos, residente no Pátio do Peneireiro, 2-B, r/c.

ACIDENTE MORTAL. — Por ter sofrido anteontem um acidente no trabalho, foi conduzido ao Hospital de S. José, onde faleceu, o servente João Ferreira Pedro, de 17 anos, residente no Murcifal. O corpo recolheu ao Necrotério.

FERIDO NUM TREINO. — O ciclista do Sporting, Manuel Polido, de 28 anos, sofreu hoje um acidente, quando treinava a sua especialidade. Na Avenida Brasil, por causa de um cão, caiu da bicicleta e fracturou uma clavícula. Depois de tratado no Hospital de S. José, recolheu a casa.

QUEM PERDEU?

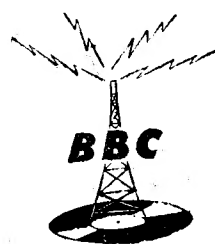
Objectos achados ontem, em Lisboa, e entregues na P. S. P. (Governo Civil): vários pares de atacadores para calçado; uma caixa de pó de arroz; um pedal de moto; um pequeno guarda-joias; quatro luvas de senhora desirmanadas; um porta-moedas de senhora; uma cautela de penhor; uma alcafo com uma boina tipo espanhol e laranjas; uma argola com chaves; um par de luvas de homem; um tampão de roda de automóvel; um porta-moedas com dinheiro; o bilhete de identidade de Teófilo Joaquim Pinheiro Salvado; um porta-moedas com comprimidos; um par de óculos de criança; um livro e duas fotografias; um cartão desportivo em nome de Jacinto Inácio Camara; uma mala de senhora; um sapato de criança; uma corrente com medalhas; uma porta-moedas com dinheiro e um décimo da lotaria; um fato macaco, que caiu de um «jéem» do Exército; um porta-moedas com dinheiro e um rosário; um relógio de pulso, de homem; uma faca própria para cortar arbustos; e uma porção de ferro.

CONFERÊNCIA

No Centro Nacional de Cultura, profere hoje, pelas 21 e 45, a sua conferência intitulada «Para uma Criação da alma espanhola», o dr. Carlos Eduardo de Soveral.

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

ENGLISH BY RADIO



CURSOS DE «INGLÊS PELA RÁDIO»
EM DISCOS DE GRAMOFONE

Atendendo aos numerosos pedidos de ouvintes de todo o mundo, a B. B. C. acaba de publicar em discos de gramofone os seus famosos cursos de «Inglês pela Rádio». Peça-nos detalhes enviando-nos o cupão abaixo.

VALENTIM DE CARVALHO, LDA.
RUA NOVA DO ALMADA, 97 LISBOA

Valentim de Carvalho, Lda.
Rua Nova do Almada, 97—Lisboa

Queiram enviar-me detalhes sobre os cursos de inglês em discos de gramofone publicados pela B. B. C.

Nome
Morada

Ref. D. L./A/4-4-56

200.000 MOTORES DIESEL-DEUTZ REFRIGERADOS POR AR, INSTALADOS NO MUNDO INTEIRO

Na Exposição Técnica Alemã, instalada no Instituto Superior Técnico, em Lisboa, encontra-se exposto e em funcionamento no stand da MOTOP pavilhão B, um modelo de um motor Diesel-Deutz, refrigerado por ar, em corte, última inovação da técnica construtiva dos motores Diesel, criação das importantes fábricas KLÖCKMER-HUMBOLDT-DEUTZ, de Colónia.

Representantes: MOTOP — Rua da Vitória, 88 — LISBOA
Telefones: 23952 e 20106

Malogrou-se em Cuba uma conjura contra Baptista

HAVANA, 4.—O general Francisco Tabernilla, chefe do Exército cubano, anunciou o malogro de uma conspiração militar dirigida contra o Governo. O general Tabernilla, que falava em nome do chefe de Estado, general Baptista, acrescentou que todos os implicados na conjura foram presos e há tranquilidade no país.

A declaração do general Tabernilla foi confirmada, pouco depois, pelo próprio presidente da República, ao sair do quartel de Columbia, onde foi muito ovacionado pelos militares.—(F. P.).

As violentas tempestades na América do Norte causaram 50 mortes e 500 feridos

NOVA YORK, 4.—Os ciclones que assolaram o centro dos Estados Unidos causaram elevado número de vítimas. Segundo os relatórios que chegam de hora a hora, da província, trata-se de uma grande catástrofe.

Só na região dos «Grandes Rápidos» (Michigan Ocidental), o ciclone causou, pelo menos, 19 mortos e cerca de 200 feridos. Na aldeia de Hudsonville, que ficou arrasada, há 13 mortos; no Wisconsin, 8; em Drumright, 5; no Sudoeste do Estado de Kansas, 2; e dois também no Tennessee. Por toda a parte, há numerosas casas destruídas. Inúmeros centros de aglomeração foram designados como «regiões sinistradas».

Os tornados, que estão agora a caminhar para a Nova Inglaterra, causaram prejuízos de milhões de dólares em 15 Estados.

As últimas notícias dizem que se eleva a 50 mortos e a cerca de 500 feridos o número de vítimas provocadas pelas ciclones e tempestades de poeira, granizo e neve dos últimos dois dias em cinco Estados do Médio Oeste e do Sul.

Tornados semelhantes registaram-se em 28 de Março de 1920, quando varreram furiosamente oito Estados americanos, dos quais alguns foram agora, também, atingidos. O número total de mortos foi então de 161.

Na parte mais atingida, no Michigan, muitas casas ficaram destruídas e os telhados de grande número de outras foram arrancados pelo vento, que levou pelos ares centenas de árvores. Os fios telefónicos e as linhas condutoras de energia eléctrica foram rebentados. Estão interrompidas na maior parte as comunicações telefónicas e há falta de energia, razão pela qual estão paradas muitas indústrias, o que está a causar enormes prejuízos. Numerosas casas estão total ou parcialmente destruídas.

Em Standale muitas centenas de casas sofreram estragos consideráveis e perderam-se por completo as culturas, que se apresentavam prometedoras.

Numa das áreas mais atingidas, a de Berlin (Estado de Wisconsin), morreram, pelo menos, 10 pessoas e ficaram feridas 50. Foram destruídas muitas casas e fábricas, assim como milhares de chaminés, postes telegráficos e telefónicos, antenas, varandas, balcões e árvores. O vento ciclónico estilhaçou muitos milhares de vidros.

A fábrica de meias «Sands Knitting Mills», em Berlin, foi destruída, no momento em que trabalhavam ali 35 operárias e muitos empregados, cuja sorte ainda se ignora. Numerosas ambulâncias com médicos e enfermeiras partiram das cidades próximas para Berlin, a fim de prestar socorros. Ficou, também, destruída a fábrica de leite em pó «Carnation Milk Plant». As autoridades dizem que o tornado que atingiu a cidade durou trinta segundos e varreu tudo quanto encontrou numa faixa de 300 metros de largura.

O torneio militar de futebol

(Continuação da 1.ª página)

sim; Refat, Hanasy e Rafat; Abdalla, Dezwy, Alla, Baydo e Sherif. Arbitro: Gardezabal (espanhol). Cabendo a saída aos Egípcios, os Portugueses impuseram logo a sua presença, imprimindo grande movimento ao jogo em sucessivos ataques às redes de Bakr, que estiveram, nos primeiros minutos, em grande perigo.

Hernani, aos 6 minutos, saiu magoado por choque, com o guarda-redes egípcio, mas, poucos minutos depois, voltou à equipa, que, até aos 20 minutos, continuou a ser o melhor conjunto.

A equipa portuguesa, forçando continuamente o ataque, realizou, por Coluna, aos 21 minutos, uma jogada que obrigou o adversário a ceder «cantos», por Selim. José Pe-

dro marcou o castigo, mas Bakr defendeu com segurança.

A passagem da meia hora, a turma lusitana continuava instalada no meio-campo do adversário, francamente ao ataque, mas a defesa egípcia não se deixava bater.

A equipa egípcia passou depois a dar melhor réplica, movimentando-se com facilidade nos seus contra-ataques, sempre que os podiam organizar.

Até aos 33 minutos, todavia, os egípcios não haviam criado uma oportunidade de gol. Um livre de Faia, pouco depois, na linha limite da grande área dos egípcios quase chegou a dar a possibilidade de gol aos portugueses, mas José Pedro aproveitou mal o remate, fazendo razar a bola sobre a trave.

O poder ofensivo português esteve, novamente, em evidência nos últimos 10 minutos do encontro, sobretudo, quando Hernani, de longe, visou a baliza de Bakr, obrigando este a ceder «cantos», de cuja marcação nada resultou.

José Pedro, aos 40 minutos, teve, também, uma vistosa jogada individual, mas a bola perdeu-se só por Faia e Hernani não terem acompanhado.

Os Egípcios reagiram à beirinha do intervalo e, aos 44 minutos, num contra-ataque que parecia inofensivo, Alla surpreendeu Vital, com um remate de longe, marcando o 1.º gol deste desafio.

Ao intervalo: Egípto, 1 - Portugal, 0.

A turma lusitana recomeçou a partida fazendo passar Hernani para avançado-centro recuado, modificação que não trouxe, todavia, qualquer melhoria ao poder ofensivo dos Portugueses.

Anotou-se, ainda, a substituição de Faia por Casaca.

Dois «cantos» contra a equipa nacional, aos 7 e 9 minutos, cedidos por Barbosa e Moreira, respectivamente, nada resultaram, porque Vital afastou sempre o perigo.

Os Egípcios, depois do intervalo

mostraram melhor poder ofensivo, enleando, por vezes, a defesa lusitana, que teve em Falé o elemento mais seguro a barrar o caminho aos adversários.

Um remate de José Pedro, à volta dos 20 minutos, foi dificilmente defendido por Bakr, que ia deixando a bola entrar.

O jogo dos Portugueses é pouco claro, confuso, mesmo, faltando aos jogadores poder de antecipação — a melhor arma utilizada pelos Egípcios.

Os nossos representantes perdiam-se constantemente em perniciosos preciosismos, daí resultando o que sucedeu a Casaca, aos 23 minutos: perder todas as oportunidades de êxito ante a baliza egípcia.

Aos 35 minutos, os Portugueses forçando o ataque beneficiaram de um «canto», a que Bakr se opôs bem.

Nos últimos momentos da partida os Portugueses procuraram a todo o transe o gol que lhes desse o empate, que chegou a estar à mercê de Rocha, mas este perdeu o lance, atirando a bola... para as nuvens.

E acabou: Egípto, 1-Portugal, 0.

Classificação

1.ª, Itália, 2 vitórias (10-1), 4 pontos; 2.ª, Turquia, 1 v. 1 d. (4-8), 2 pontos; 3.ª, Egípto, 1 v. 1 d. (2-3), 2 pontos; 4.ª, Portugal, 2 d. (0-4), 0 pontos.

OS HOQUISTAS

são recebidos amanhã pelo ministro da Educação Nacional

A equipa de hóquei em patins que ontem regressou de Montreux, após ter ganho com o maior brilhantismo o torneio da «Taça das Nações» é recebida, amanhã, às 18 horas pelo sr. ministro da Educação Nacional.

TÊNIS DE MESA

A China venceu Portugal

por 5-1

TÓQUIO, 4. — Em continuação dos campeonatos mundiais de ténis de mesa, a equipa da China venceu o grupo de Portugal por 5-1. O português Ló alcançou a única vitória da equipa ganhando a Wang por 17-21; 21-9; 21-9. O Hong-Kong venceu a Suécia por 5-4. — (F. P.).

A Itália venceu a Turquia por 7-1

O primeiro desafio disputado foi o Itália-Turquia, cujas equipas alinharam:

Itália—(camisola azul e calção branco)—Louison; Cuttica e Garzena; Montico, Malich e Invernizzi; Loiyodice, Vicini, Galli, Colombo e Campagnoli.

Turquia—(camisola branca e calção vermelho)—Turgay; Ridvan e Nedim; Mustafa, Schumus e Rober; Burhar, Cospun, Ali, Kadri e Nusnet.

Arbitro—Bronkorst, da Holanda. Juizes de linha—Joaquim Campos (português) e Roeykens (belga).

Coubes a saída a equipa turca, que desenhou linda avançada pelo centro do terreno, onde Cuttica interveio para devolver o esférico para o meio do terreno ocupado pelo adversário, onde, por momentos, o jogo se desenrolou.

Aos 20 minutos já com as equipas «aquecidas» Loiyodice centrou para Colombo, que visou de longe e com perigo a baliza turca.

Os Otomanos, bem acatutelados na defesa, foram anulando o ataque italiano, e aos 25 minutos, com todos os seus avançados em movimento, coube a vez a Nusret de rematar, visando as redes com perigo.

No lance seguinte, Loiyodice bateu Turgay, marcando o primeiro gol da equipa transalpina.

Aos 27 minutos, depois de troca de passes entre os avançados turcos, Ali bateu Louison, mas o árbitro, inespiciavelmente, levado pelo juiz de linha belga, anulou o gol turco, dando motivo a violentos protestos públicos, e a que a equipa otomana abandonasse o retângulo, embora, voltando dez minutos depois.

O publico invadiu o campo, e, por fim, as equipas voltaram a dispor-se para o jogo. Aos 36 minutos a Itália, por intermédio de Vicini colocou o marcador em 2-0.

Por falta de Cuttica sobre Ali, aos 38 minutos, Kadri transformou uma grande penalidade no 1.º gol da sua equipa.

Ao intervalo: Itália, 2-Turquia, 1. A Turquia substituiu Turgay por

Seyfit e recomeçou o jogo ao ataque, mas a defesa transalpina cortou, de pronto, afastando o perigo.

A Itália, aos 6 minutos, por intermédio de Invernizzi colocou a marca em 3-1 e um minuto depois Campagnoli elevou a contagem para 4-1.

Aos 17 minutos o árbitro expulsou o turco Ridvan e o italiano Vicini, por agressão mútua.

O jogo perdeu interesse, mantendo-se o resultado de 4-1 a favor da Itália, aos 26 minutos.

Aos 29 minutos, Colombo fez o quinto gol dos Italianos e Galli, aos 32, passou o resultado para 6-1.

Os Turcos continuaram a ser dominados francamente. Aos 41 minutos, Colombo, voltou a marcar, depois de já terem sido expulsos Sehms (turco) e Campagnoli (italiano) por agressão mútua.

Até final, o resultado de 7-1 não se alterou, não obstante Louison ter feito duas defesas colossais no declinar da partida.

Salvou-se

por um... botão

VANCOUVER, 4. — Um botão de latão do seu «dolman» salvou Bud Johnstone, agente da Real Polícia Montada Canadiana, numa batalha a tiro com quatro assaltantes a um banco, durante a qual matou um dos gatinhos. O agente foi atingido por oito balas e mais quatro rasgaram-lhe o «dolman», fazendo uma ricochete no botão. Médicos disseram que essa teria sido fatal. Johnstone foi operado e está «em boas condições».

Os três bandidos sobreviventes foram capturados, sendo-lhes apreendidos os 17 mil dólares, que tinham roubado ao Banco Real do Canadá. — (R.).

Ademar está arriscado a ser privado de direitos cívicos

RIO DE JANEIRO, 4.—O antigo governador do Estado de São Paulo, Ademar de Barros, foi intimado pela Justiça Eleitoral de São Paulo, a apresentar a sua defesa num prazo de dez dias, sob pena de perda dos seus direitos cívicos. Condenado por desvio de dinheiros públicos, a dois anos de prisão, a Justiça Eleitoral prepara-se para lhe retirar a carta de eleitor.

Dois advogados do Estado do Amazonas apelaram daquela condenação, junto do tribunal regional. Os adversários de Ademar de Barros afirmam que será difícil anular a decisão do tribunal de São Paulo, mas os seus partidários, em contrapartida, são de opinião de que esse tribunal decidirá a seu favor, visto as contas da sua administração terem sido já aprovadas pela Assembleia Legislativa e pelo Tribunal de Contas.

Os correspondentes da Imprensa brasileira na Bolívia afirmam que o Governo de La Paz não aceitará o pedido de extradição do ex-governador, que reside, actualmente, em Cochabamba. Sabe-se, por outro lado, que o Ministério dos Negócios Estrangeiros brasileiro não apresentou ainda qualquer pedido de extradição.—(F. P.).

Movimento diplomático brasileiro

RIO DE JANEIRO, 4.—O presidente da República deverá aprovar, hoje, as nomeações, já ratificadas, pelo Senado Federal, de Coelho Lisboa, Joaquim de Sousa Leão e Oscar Pires, para embaixadores, respectivamente, em Espanha, Haia e Caracas.

Dá-se, também, como certo, o seguinte movimento diplomático: a nomeação para Buenos Aires do actual embaixador em Washington, João Carlos Moniz; a substituição em Lima, pelo antigo embaixador em Buenos Aires, Orlando Leite Ribeiro de Fraga de Castro, que será nomeado para Estocolmo.—(F. Presse).

Mensagem urgente de Eden a Eisenhower sobre problemas do Próximo-Oriente

LONDRES, 4. — O primeiro-ministro, sir Anthony Eden, enviou uma mensagem pessoal ao presidente Eisenhower, manifestando grave preocupação sobre os acontecimentos no Médio-Oriente.

Os observadores diplomáticos londrinos acreditam que a Grã-Bretanha tem por objectivo conseguir apoio americano muito mais forte para o Pacto de Bagdad, especialmente por intermédio de auxílio económico aos países aderentes. A Grã-Bretanha também gostaria de que os Estados Unidos adoptassem uma atitude mais forte para com os adversários do pacto.

O primeiro-ministro pediu a Eisenhower, para considerar, pessoalmente, uma nova avaliação da situação no Médio-Oriente, feita por peritos superiores do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico e aprovada pelo Gabinete.

De acordo com os círculos diplomáticos londrinos, aquela avaliação britânica critica altamente a política antiocidental, e especialmente antibritânica, que está a ser seguida por alguns governos árabes, em especial o egípcio.

O Foreign Office recusou-se a fazer comentários sobre a missiva diplomática de Eden — a qual precedeu uma outra, em termos mais pormenorizados, do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, Sel-

wyn Lloyd, ao secretário de Estado americano, John Foster Dulles.

O «Daily Telegraph» diz, em comentário: «Não restam dúvidas de que assistimos a uma crise das relações entre o Ocidente e o Médio-Oriente. A economia britânica assenta, em grande parte, no acesso regular ao petróleo das regiões vizinhas do Golfo Pérsico. Ainda se não desenhou claramente qualquer ameaça a uma das grandes regiões produtoras de petróleo. Mas essa ameaça poderia definir-se, se persistisse a instabilidade na região, suscitando agitação e desordem. Por isso, o Governo faz um supremo esforço para esclarecer e coordenar a política ocidental».

Para o «Daily Express», sir Anthony Eden receia que surja um perigo autêntico, «se os Ocidentais não adoptarem uma política forte e unida». Segundo o «Daily Mail», trata-se acima de tudo de levar a América a alinhar pela Inglaterra na luta contra o coronel Nasser. — (R., F. P. e A. N. I.).

ACORDA DE SÁVEL

O célebre praça do RIBATEJANO — Salvaterra de Magos.

Ensopado de enguias

Onto prato regional do «RIBATEJANO» — Salvaterra de Magos.

AMALIA

AMANHÃ, 5.ª FEIRA, 5 de Abril, à 1,30 h.

no «WONDER-BAR» do CASINO ESTORIL

EM DESPEDIDA - ULTIMA APRESENTAÇÃO - Marcam-se mesas - Tel. 060730 (Adultos)

O Salão Restaurante está tomado pelo Congresso Luso-Espanhol de Cardiologia